

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JÚLIA GONÇALVES ARAÚJO

**VIÉSES E REVESES DA COBERTURA DE IMPRENSA: UM ESTUDO
COMPARATIVO DOS CASOS OCCUPY WALL STREET E JORNADAS DE JUNHO**

**GOIÂNIA
2022**

JÚLIA GONÇALVES ARAÚJO

**VIÉSES E REVESES DA COBERTURA DE IMPRENSA: UM ESTUDO
COMPARATIVO DOS CASOS OCCUPY WALL STREET E JORNADAS DE JUNHO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.
Orientador(a): Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho

GOIÂNIA
2022

Gonçalves, Júlia. 2022.

Viéses E Reveses Da Cobertura De Imprensa: Um Estudo Comparativo Dos Casos Occupy Wall Street E Jornadas De Junho - Júlia Gonçalves Araújo – Goiânia, 2022.

Total de folhas: 60 f. il.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho

Monografia (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Goiânia, 2022.

Viés de imprensa; Occupy Wall Street; Jornadas de Junho; Novos Movimentos Sociais. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação. II. Viéses E Reveses Da Cobertura De Imprensa: Um Estudo Comparativo Dos Casos Occupy Wall Street E Jornadas De Junho.

FOLHA DE APROVAÇÃO

JÚLIA GONÇALVES ARAÚJO
VIÉSES E REVESES DA COBERTURA DE IMPRENSA: UM ESTUDO COMPARATIVO
DOS CASOS OCCUPY WALL STREET E JORNADAS DE JUNHO

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito, Negócios e
Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel(a) em Relações Internacionais.

Orientador(a): Guilherme Augusto Batista Carvalho

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho
Orientador – PUC Goiás

Dr. Pedro Araújo Pietrafesa
PUC Goiás

Me. Roberta Elaine de Souza Nascimento Barros
UniAraguaia

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço a todos de coração. Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que me apoiaram em todas as escolhas difíceis dos últimos quatro anos (e de todos os outros também), e a minha irmã, que jamais largou minha mão. Em segundo lugar, agradeço a minha Camila, que me ajuda todos os dias a enfrentar o grande desafio que é viver, e me mostra que o melhor da vida se encontra a dois. Ao meu orientador, em quem confiei minhas ideias e que me guiou até aqui da melhor forma que eu poderia imaginar. A minha companheira nessa caminhada, Ló, que me mostrou que, dos momentos mais complicados e solitários, té nos mais felizes e prósperos, um ombro amigo é a melhor solução. Aos meus amigos de curso e aos professores, os últimos 4 anos não foram fáceis, e vivemos cada segundo deles sem soltar nossas mãos, passamos por todos os desafios imagináveis (até uma pandemia), mas com muito orgulho, vencemos. E a minha vó, que em toda minha caminhada, sempre foi minha maior (e melhor) admiradora.

“A educação é a descoberta progressiva da nossa ignorância.”

Will Durant

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura jornalística dos novos movimentos sociais, com foco no Occupy Wall Street, em 2011, e nas Jornadas de Junho, em 2013. Entende-se que a mídia é um agente de poder que influencia na formação de opinião pública, portanto sendo elemento chave para a análise dos movimentos sociais. A princípio, busca-se entender a relação entre mídia e democracia, e em como a primeira afeta a segunda. Além disso, procura-se verificar como o caráter privado da mídia influencia nas tendências de narrativa empregadas nas coberturas jornalísticas. Em segundo momento, apresenta-se uma contextualização dos movimentos, tal como sua evolução e principais demandas. Além disso, analisa-se as semelhanças entre ambos. Por fim, através de uma análise de política comparada, utilizando de manchetes e pesquisas de opinião, além de nuvens de palavras produzidas através do Iramuteq, para relacionar as tendências de mídia e a opinião pública com a evolução dos movimentos. Por fim, entende-se que a cobertura jornalística do Occupy e das Jornadas, apesar de ser utilizada para informar a população, possui certo viés de imprensa que impacta diretamente na opinião pública e na adesão e aceitação dos protestos, tal como nas demandas dos protestantes.

Palavras-chave: Viés de imprensa; Occupy Wall Street; Jornadas de Junho; Novos Movimentos Sociais.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the journalistic coverage of the new social movements, focusing on Occupy Wall Street, in 2011, and on the Jornadas de Junho, in 2013. It's understood that the media is a power agent that influences the formation of public opinion, therefore being a key element for the analysis of social movements. At first, we seek to understand the relationship between media and democracy, and how the first affects the second. In addition, we try to verify how the private character of the media influences the narrative trends used in journalistic coverage. Secondly, a contextualization of the movements is presented, such as their evolution and main demands. In addition, the similarities between both are analyzed. Finally, through a comparative policy analysis, using headlines and opinion polls, as well as word clouds produced through Iramuteq, to relate media trends and public opinion with the evolution of movements. Finally, it is understood that the journalistic coverage of Occupy and the Jornadas, despite being used to inform the population, has a certain press bias that directly impacts public opinion and the adhesion and acceptance of the protests, as well as of the protesters demands.

Key Words: Press Bias; Occupy Wall Street; Jornadas de Junho; New Social Movements.

LISTA DE FIGURAS/QUADROS

Quadro 1 - Localização dos manifestantes no espectro ideológico.....	33
Quadro 2 - Opinião sobre os protestos contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo...	34
Quadro 3 - Corpus da Pesquisa – Estados Unidos	37
Quadro 4 - Corpus da Pesquisa – Brasil.....	39
Quadro 5 - Aprovação de Obama no ano de 2011	46
Quadro 6 - Desempenho avaliado de Dilma no ano de 2013	46
Quadro 7 - Motivos da participação nas manifestações	47
Figura 1 Disseminação do movimento OWS pelo mundo.	29
Figura 2 - Nuvem de palavras Occupy Wall Street 1	42
Figura 3 – Nuvem de palavras Occupy Wall Street 2	43
Figura 4 – Nuvem de palavras Jornadas de Junho 1.....	44
Figura 5– Nuvem de palavras Jornadas de Junho 2.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PRIMEIRO CAPÍTULO	12
1.1 IMPRENSA E DEMOCRACIA.....	12
1.2 COBERTURA DE FATOS POLÍTICOS.....	17
2. MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS E COBERTURA DE IMPRENSA.....	21
2.1 VIÉS DE COBERTURA: A IMPRENSA TEM POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO?	21
2.2 O OCCUPY WALL STREET	24
2.3 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013	30
3. MÉTODOS E ANÁLISE DE DADOS	36
3.1 MÉTODO E TÉCNICA	36
3.2 COMPARAÇÃO DOS CASOS E ANÁLISE DE DADOS.....	37
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Uma nova onda de movimentos sociais se manifestou após a crise de 2008, apresentando um caráter diferente de todas as manifestações populares anteriores. Essa onda teve início na Primavera Árabe, em 2011, e levou as ruas pessoas de todas as classes, idades, independente de formação ou classe econômica. Os novos movimentos sociais se espalharam rapidamente pelo globo, e a presente pesquisa tem como foco dois episódios ocidentais dessa onda: o *Occupy Wall Street*, em 2011 nos Estados Unidos, e as Jornadas de Junho, em 2013 no Brasil.

Nos Estados Unidos, os protestos foram marcados por uma ocupação fixa do *Zuccotti Park*, em Wall Street, considerado o distrito financeiro de Nova York. A ocupação teve início no mês de setembro, e se espalhou rapidamente pelas maiores cidades do país, chegando até mesmo em capitais de outros países. As manifestações duraram até o fim de 2011, quando uma ação policial desmontou o acampamento no *Zuccotti Park*, impedindo que os manifestantes se alocassem novamente.

Dois anos depois, em junho de 2013, explodiram no Brasil várias manifestações populares, também espalhadas por várias cidades do país, surgidas a partir de um aumento da tarifa de transporte coletivo, porém recebendo maior atenção pública por conta da violência policial aplicada aos manifestantes. A onda de manifestações levou milhões de pessoas as ruas, e as pautas foram ampliadas, englobando corrupção, até o descontentamento com a Copa do Mundo de futebol a ser sediada no país.

Os dois casos surgiram através de uma coalisão popular, e se caracterizam como Novos Movimentos Sociais, por não possuírem liderança própria nem caráter partidário. A organização dos protestos surgiu pela internet, e as decisões eram tomadas a partir de uma horizontalidade, um processo democrático que deu poder ao povo, sem influência política direta na construção das pautas iniciais.

Entre os dois casos existem muitas semelhanças a serem observadas entre os dois movimentos, e a cobertura de imprensa frente os protestos populares é um fator comum entre eles. Em ambos os casos, a imprensa foi acusada de parcialidade e conservadorismo pelos manifestantes, que viam a cobertura da mídia tradicional como conservadora e contrária aos movimentos.

Segundo Thompson (2005), a mídia está presente em todas as instâncias da sociedade, e, por conta disso, se torna um poder conquistado por si própria. No caso das sociedades democráticas, a imprensa livre é um fator de suma importância, garantindo o acesso de toda a população à informação clara e verdadeira. Para Tocqueville (2005), essa liberdade de imprensa

está diretamente relacionada à soberania do povo. Diante disso, a mídia se torna veiculadora e construtora de opinião pública, influenciando o pensamento coletivo a partir de sua estruturação de realidade.

Porém, a própria mídia não pode ser definida como completamente imparcial, por conta de sua estruturação interna de caráter empresarial e privado. Ou seja, a imprensa pertence a uma elite, que influencia diretamente as opiniões veiculadas nesta. Segundo Weber (1992), existe uma relação mercantil construída entre a mídia e a elite que a detém. Diante disso, torna-se necessário entender o quanto essa relação impacta na forma de cobertura midiática de diferentes eventos.

No caso das manifestações, a cobertura da imprensa pode ter um papel de extrema influência no apoio popular. Isso porque a forma como os protestos serão retratados pode ser positiva ou negativa para o restante da população. No primeiro caso, o apoio popular tende a aumentar, enquanto no segundo, os manifestantes podem até mesmo serem silenciados ou hostilizados.

Segundo Miguel (2006), a imprensa tende a colocar a população distante das elites políticas, focando sempre em uma linguagem negativa em relação a estas. Porém, no caso de manifestações populares, a mídia pode colocar a população contra uma parcela dela mesma, ou garantir o apoio necessário para que essa pequena parcela tenha sua voz amplificada, e suas pautas ouvidas. Segundo Joao Carlos Correia (1994), o jornalismo muitas vezes configura “suas narrativas no sentido de acentuar o conformismo”. No caso aqui analisado, por imprensa tradicional entende-se os jornais, dado que são o meio mais antigo de notícia que ainda está em uso na atualidade.

Diante disso, o objetivo central da seguinte pesquisa é analisar a postura da imprensa tradicional frente aos movimentos sociais Occupy Wall Street e Jornadas de Junho, na tentativa de estabelecer sua relação direta com a desconstrução das pautas iniciais dos movimentos e na construção de pautas amplas e alinhadas aos seus objetivos próprios. Para isso, foram adotados os seguintes procedimentos: entender a relação entre imprensa e democracia, tal como as tendências jornalísticas seguidas pela mídia tradicional; apresentar os movimentos Occupy e Jornadas frente a sua construção popular; e observar, através da análise de discurso a forma como a cobertura jornalística foi construída e seu impacto nos movimentos e suas pautas ideológicas.

Para atingir tais objetivos, busca-se analisar as manchetes de jornais referências nos países citados, no intuito de entender quais termos impactam e retratam positivamente ou negativamente o processo de construção das manifestações. Nos Estados Unidos, os jornais

analisados serão o The New York Times, o The Washington Post e o The Wall Street Journal, jornais de maior circulação e visibilidade no país. Já no Brasil, os jornais referência serão a Folha de São Paulo, o Estadão e o Carta Capital.

Para se chegar as 15 manchetes de cada país (5 de cada jornal), buscou-se nos acervos digitais de cada jornal, utilizando dos termos ‘manifestações’ e ‘protestos’, no caso das jornadas de junho, e ‘protest’ e ‘occupy’, no caso do Occupy Wall Street. Além disso, delimitou-se o período de 3 meses desde o início dos protestos em cada um dos casos. Por fim, foram selecionadas 5 manchetes de cada jornal, de maneira aleatória, buscando padronizar um período condizente com os eventos.

Ademais, uma análise do padrão léxico das reportagens é construída com o Software Iramuteq, que produz nuvens de palavras a partir da tendência de repetição de termos. Com isso, o objetivo é compreender como a construção do padrão narrativo pode ou não conter um viés de imprensa que direciona a opinião pública para os objetivos da própria imprensa.

Além disso, a percepção popular a partir de pesquisas de opinião, voltadas ao entendimento da evolução das pautas dos manifestantes, se torna de suma importância para compreender a ampliação do debate, possivelmente influenciado pela imprensa. Por fim, busca-se também entender o impacto que a cobertura midiática teve na percepção de governo, através da análise de popularidade presidencial nos períodos citados. Sendo assim, teria a cobertura da mídia cooperado para a amplificação das pautas nas manifestações, a partir de um método de narrativa que conduzisse a opinião dos manifestantes a um objetivo próprio?

Vale ressaltar que, compreendendo o impacto que as manifestações têm na política interna dos países, a política externa passa a ser moldada também a partir desse cenário. Além disso, a forma como ambos os países passaram a ser vistos a partir do momento dos protestos no mundo externo foi modificada, a partir da ótica da fragilidade dos regimes. Ademais, a forma como os eventos acontecem num período relativamente pequeno de tempo demonstra um evento global de contestação, iniciado na Primavera Árabe, passando pelo Los Indignados, na Espanha, chegando no Occupy Wall Street e nas Jornadas de Junho, demonstrando que a tendência é mundial e comprovando sua importância na área das relações internacionais.

Levando em conta os objetivos apresentados, a seguinte monografia está dividida em três capítulos. O primeiro busca fazer uma discussão teórica sobre a relação entre a imprensa e a democracia, tal como as tendências de jornalismo frente a seu caráter privado. O segundo apresenta os movimentos sociais, tal como sua construção e semelhanças. Por fim, o terceiro apresenta brevemente a metodologia aplicada, para então apresentar os dados coletados nos jornais escolhidos e compreender seu impacto nos movimentos.

1 PRIMEIRO CAPÍTULO

O presente capítulo apresenta, primeiramente, a relação entre imprensa e democracia, além da influência que a primeira tem sobre a segunda. O objetivo é entender como a mídia, presente em todas as instâncias da sociedade (THOMPSON, 2002), assume seu papel como uma entidade democrática, porém com interesses privados que afetam sua parcialidade. Além disso, a narrativa construída pela imprensa é apenas uma interpretação da realidade, o que compõe o conhecimento popular.

Em segundo lugar, aborda-se como essa relação influencia na cobertura política por parte da mídia e como as tendências de narrativa surgem a partir do caráter privado dos meios de comunicação. Além disso, é abordada a influência da mídia sobre o público, em especial por sua postura cínica em relação ao comportamento e classe política (MIGUEL, 2008).

1.1 IMPRENSA E DEMOCRACIA

A relação entre a mídia e a democracia é analisada por diversos autores, e busca-se entender principalmente como os meios de comunicação interferem nos regimes democráticos. Os principais fatores analisados são a influência da mídia na opinião pública e em sua formação, tal como sua interferência no processo eleitoral. Primeiramente, é importante definir o conceito de democracia e imprensa analisados. Por democracia, entende-se o regime de organização social que permite ao homem o exercício de suas liberdades, além de uma distribuição equitativa de poderes, e por imprensa, os meios de comunicação de alcance popular, que fazem parte dos poderes democráticos. Ou seja, a imprensa depende da democracia, e, para que haja democracia, é necessário o direito de se comunicar (GUARESCHI, 2007).

Em uma situação em que a população tem total controle sobre suas instituições políticas, existe a necessidade também de uma imprensa livre e independente. Isso garante também a igualdade de transmissão de informação, que, em uma sociedade democrática, deve garantir que todos os indivíduos possuam informações idênticas sobre as alternativas (DAHL, 1989, p. 73). Vale ressaltar que informações idênticas podem ser retratadas de formas diferentes em cada alinhamento midiático, caráter tratado mais a frente.

De acordo com Tocqueville (2005, p.209): “A soberania do povo e a liberdade de imprensa são, pois, duas coisas inteiramente correlativas”. Isso porque uma imprensa livre e independente se apresenta como pilar da liberdade e variedade de opiniões, sendo a censura o

extremo contrário dessa autonomia, que, portanto, distancia a sociedade de uma democracia plena. Ou seja, liberdade de imprensa e democracia são diretamente e inteiramente correlatos. Ainda de acordo com Tocqueville (2005), por conta dessa relação tão direta, a imprensa deve possuir um poder quase ilimitado. E, como consequência desse poder, a imprensa frequentemente se torna uma inimiga do Governo. Para o autor, a imprensa:

Faz circular a vida política em todas as porções desse vasto território. É ela cujo olho sempre aberto põe incessantemente a nu os mecanismos secretos da política e força os homens públicos a comparecer sucessivamente diante do tribunal da opinião. É ela que agrupa os interesses em torno de certas doutrinas e formula o símbolo dos partidos; é por ela que estes se falam sem se ver, se ouvem sem ser postos em contato. (TOCQUEVILLE, 2005, p.214)

Segundo Thompson (2005), vivemos hoje uma sociedade midiada, marcada pela presença quase onipresente da mídia em todas as instâncias da sociedade. Nesse ponto, torna-se de suma importância fazer a diferenciação e relação entre imprensa e mídia. Por imprensa, entende-se os meios de comunicação de alcance popular, enquanto por mídia, a esfera é amplificada para toda a estrutura de comunicação. A imprensa tende a seguir os métodos jornalísticos dos Estados Unidos (LINS DA SILVA, 1991), enquanto a mídia tem como cerne de sua comunicação uma maior liberdade de métodos, porém alinhada a um menor compromisso com a veracidade dos fatos, tendendo a se inclinar ideologicamente.

Por conta de sua grande influência nas instâncias sociais, a mídia tomou para si um poder que se iguala aos três poderes pilares da democracia, executivo, legislativo e judiciário. Porém, vale ressaltar que esses três poderes recebem sua legitimidade do próprio cerne da democracia, enquanto a mídia usurpa seu poder baseada em sua força política e econômica, se tornando um poder ilegítimo. Para Weber (2000),

As mídias não podem ser consideradas como entidades complementares, mas sim como integrantes do exercício do poder do capital e da política, cuja existência é determinada por estes aliados que não possuem autonomia comunicativa e estética. (WEBBER, 2000, s/p.)

Além do mais, se tornou o que Montesquieu definiria como um poder desenvolve a capacidade de limitar outro poder. Contudo, a definição de Montesquieu recebe uma definição contemporânea, o *accountability* horizontal, que é o controle que os poderes exercem uns sobre os outros.

Outro ponto importante na construção dos poderes é sua capacidade de serem fiscalizados, como no caso dos poderes democráticos, chamada de *accountability* vertical. Esse

fenômeno corresponde à necessidade que os representantes têm de prestar contas e submeter-se à população (MIGUEL, 2005). A ocorrência desse fenômeno é fator intrínseco da democracia inserida nos poderes, pois inclui a prestação de contas à população e o veredito popular sobre esta, além da manutenção do poder por meio de eleições.

Com a mídia, por conta de sua natureza privada, não há fiscalização pública. Além disso, dentro do sistema capitalista, a imprensa se torna um bem mercantil, principalmente quando são privadas. Segundo Werber (1992), deve-se observar a relação entre o capital empregado e a função ideológica, ou seja, em virtude da relação comercial construída entre mídia e capital, seu poder de construção de opinião pública interage também com seus fins monetários. Portanto, os jornais são movidos pelos valores de seus proprietários, como sugere Azevedo (2009):

A nossa grande imprensa atual está estruturada de forma empresarial num mercado de informação bastante competitivo e sua fonte de financiamento depende basicamente da circulação e dos anunciantes. (AZEVEDO, 2009, p.48)

O padrão mercantil da mídia permite a concentração do mercado nas mãos de uma elite, que, no caso do Brasil, é marcado por famílias que mantêm grande número de canais e emissoras de rádio através de filiações regionais a grupos nacionais. Nesse caso, seis grupos televisivos controlam 90% das emissoras de TV do país (LIEDTKE, 2006).

Diante disso, a relação estabelecida torna o leitor e espectador um consumidor do produto noticiário. Para além disso, uma relação de confiança nas publicações é estabelecida, pois, o consumo apenas se renova se o consumidor acreditar no produto. Para Hamilton (2004), a notícia é uma mercadoria moldada pelas forças da lei da oferta e da procura, tendo em vista o desejo dos consumidores.

O consumidor tende a consumir produtos que se alinhem a suas expectativas. No caso da imprensa, consumir jornais e canais que, ideologicamente, publiquem as informações com determinado alinhamento de valores ao seu próprio, com isso, os meios de comunicação tendem a moldar e adaptar suas publicações. Esse posicionamento ideológico é definido como viés midiático, descrito como o resultado de uma falta de equilíbrio que ocorre quando um lado da história recebe mais atenção que o outro (BARON, 2006). É uma falha por não conseguir tratar igualmente todas as vozes no mercado das ideias. Essa inclinação geralmente não se dá de maneira aberta, e sim com pequenas tendências a omitir pedaços de notícias, assim como apresentar lados mais favoravelmente que outros.

Sendo assim, a relação mais direta entre imprensa e democracia diz respeito à própria população. Isso se dá porque a mídia tem grande influência na formação de opinião pública

(FILGUEIRA E NOHLEN, 1994). Além disso, os meios de comunicação se tornam mecanismos de formação de opinião que simulam democracias, pois, segundo Arbex (2001):

Aparentemente a opinião divulgada pela mídia interfere no curso dos acontecimentos, dando a ilusão de que o público foi levado em consideração. Na realidade, os indivíduos permanecem isolados, espalhados pelas mais distintas cidades, regiões, estados e países, sendo virtualmente "unificados" pela mídia, mas sem terem exercido qualquer interlocução. É a "ágora eletrônica" que simula a antiga polis, onde tudo se debatia. As megacorporações simulam a ágora que legitimará suas próprias estratégias de dominação e controle. (ARBEX, 2001, p. 56)

Segundo Guareschi (2007), a comunicação constrói a realidade, pois a mídia tem o poder de definir o que existe ou não a partir do que é veiculado e apresentado ao espectador. Além disso, segundo o autor, a mídia também tem o poder de ditar o que é bom ou ruim segundo a perspectiva divulgada. Ademais, a mídia tem em suas mãos o poder de ditar a agenda de discussão, e pautar quais serão os assuntos comentados pela população.

Para Rubim (1999), a mídia tem o poder de mediar nossa relação com a realidade, por meio de um agenciamento de imagens e discursos que passam a se confundir com a própria realidade. Diante disso, ao retratar uma realidade, a imprensa acaba interferindo no curso dela (LIEDTKE, 2006). Segundo Thompson (2002),

É muito importante romper com a ideia de que a mídia é algo convencional, habitual, quase natural, restrita ao senso comum. É necessário perceber que ela constrói ativamente o mundo em que vivemos. Parece-me importante que tenhamos uma atitude reflexiva e abordagem crítica a respeito da natureza e do papel da mídia nas sociedades modernas (THOMPSON, 2002, s/p).

O motivo de tamanha influência da mídia na opinião pública é o fato dela ser a porta de entrada mais acessível aos indivíduos para o cotidiano informativo. Mas, além de sua influência direta na população, a mídia também pratica sua interferência sobre o poder político governamental. Isso porque os políticos dependem da mídia para dar visibilidade às suas ações (LIEDTKE, 2006). Com isso, a via de mão dupla construída pela imprensa a distância de seu caráter inicial de imparcialidade, assumindo um lado interpretativo, e conseqüentemente inserindo na opinião pública traços de sua ideologia.

A maior questão a ser analisada na relação entre imprensa e democracia, é como a primeira influência na confiança da população nas instituições políticas, fator basilar para a segunda. Existe um paradoxo democrático (DAHL, 2000) presente em países democráticos,

descrito como a combinação entre cidadãos com alto grau de adesão aos valores democráticos, com uma completa falta de fé nos mecanismos institucionais (MIGUEL, 2008).

Ainda segundo Miguel (2008), é a mídia que impulsiona uma postura cínica do público, noticiando os eventos políticos sempre através de uma narrativa negativa, que coloca os políticos em um papel adverso. Com isso, há um distanciamento do público das elites políticas, que por sua vez são noticiadas de forma negativa, o que impulsiona o cinismo popular, formando um ciclo vicioso que recai sobre a confiança da população nas instituições.

Sendo assim, a mídia ocupa um papel crucial na manutenção da democracia, pois influencia diretamente em como a população vai confiar nesta. Esta é, portanto, a maior relação entre a mídia e a democracia. No caso da imprensa tradicional, aqui sendo a televisão, o rádio e os jornais, seu papel se torna ainda mais enraizado, pois são, até então, os meios mais acessíveis à grande massa popular.

A acessibilidade do meio de comunicação é um fator importante, pois, conforme demonstrado, uma sociedade democrática pressupõe uma comunicação democrática. Essa acessibilidade da comunicação por todo e qualquer cidadão pressupõe uma igualdade econômica suficiente para a aquisição dos meios de comunicação. Apesar da prerrogativa anterior ser falsa, em 2019, 96,3% da população brasileira tinha um aparelho de televisão (IBGE, 2019). Por conta disso, os meios mais acessíveis e democráticos encontrados são os jornais da TV aberta.

Sendo assim, a imprensa aberta é a principal fonte de informação de uma grande maioria da população. Conforme apresentado, sua influência é de grande importância para a construção da opinião popular, e no campo da política, a composição da imagética pela população tem grande parte de seu surgimento na mídia. A prática política tem seu cerne no discurso, e cabe à imprensa a sua transferência para a população, de forma a democratizar seu alcance. Por conta desse papel, a imprensa recebe a credibilidade:

A credibilidade deriva da compreensão (social) de que o jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade. Essa autoridade emerge de um percurso histórico desse modo de conhecimento, inscrito na trajetória da sociedade moderna, fundado em sua missão pública e em princípios relativamente consensuais na comunidade dos jornalistas (...). Na direção do interesse público e da relevância social, o jornalismo deveria cumprir outras funções secundárias nas sociedades democráticas, como vigiar o exercício do poder e contribuir para a construção da cidadania.
(BENETTI, 2008, p.21).

Segundo Arendt (1987), quase todas as ações políticas são realizadas por meio de palavras, e o discurso é o ponto de contato entre governantes e população. Porém, esse discurso precisa de um meio de difusão, e é onde surge a imprensa. As relações entre mídia e política são enraizadas no próprio conceito de democracia, a partir da acessibilidade de discurso. Portanto, ambas se influenciam diretamente e ciclicamente, garantindo um sistema de balanceamento de poder, que tende a pender para o lado da mídia por conta de sua influência popular.

1.2 COBERTURA DE FATOS POLÍTICOS

A imprensa, em seu cerne, deve fornecer um certo equilíbrio em suas coberturas. Ou seja, a imparcialidade da imprensa garante que esta seja neutra e não utilize de seu poder para encaminhar seus consumidores a um lado da discussão. Segundo Sá (1980):

O jornalista conhece o fato (direta ou indiretamente), cabendo à sua razão ordená-lo, isto é, colocá-lo no tempo/ espaço da transmissão, relacioná-lo com objetos, coisas e pessoas, conceituá-lo dar-lhe sentido e transformá-lo em notícia. O jornalista tira o fato de sua realidade, captando-o, envolvendo-o com/na linguagem e o transmite ao público (SÁ, 1980, p.5).

Ainda segundo Sá (1980), durante esse processo, o jornalista passa o fato de sua própria consciência para a consciência do leitor. A imprensa transmite o fato de forma abstrata, por meio da linguagem, para o espectador. Cabe então ao jornalista transportar os acontecimentos da maneira mais fiel. Ou seja, entre o fato e a notícia, há a mídia, no papel de profissionais, o que tende a afastar o ideal de imparcialidade.

Isso se dá porque o que é noticiado não é diretamente o fato, e sim um relato feito por um ou mais jornalistas sobre este. Nesse processo, pequenas informações sobre o ocorrido podem se perder, porém o cerne do noticiado deve se manter (SÁ, 1980). Sendo assim, o próprio jornalismo apenas se aproxima da verdade, que deve ser plausível e justificável (GOULD E ROCHA, 2019).

Além disso, o processo de construção de uma notícia em um jornal passa pelas mãos de diversas pessoas em suas etapas antes de uma publicação. Desde a chegada dos fatos, até a redação por parte de um jornalista ou equipe, passando pela edição, onde informações podem receber alterações, até o momento de sua publicação. Com isso, muitas opiniões podem ser agregadas a um simples fato.

Ademais, a mídia é uma das instituições partícipes do ambiente democrático, e a representação política passa por esse processo de transformação de fato para notícia por meio dos profissionais da imprensa. Porém, segundo Rehbein (2015) e Waisborn (2000), os enquadramentos midiáticos priorizam os escândalos da política, em detrimento de outros assuntos que afetam o popular. Esse fenômeno é exemplificado na crítica seguinte:

O instinto natural dos jornais e da TV é apresentar qualquer questão pública como se seu significado real fosse político, no sentido mais estreito e operacional do termo as tentativas dos partidos e de seus candidatos de ganhar vantagens sobre seus rivais (FALLOWS, 1996 p.37).

Conforme abordado, a imprensa tem o poder de influenciar a opinião popular, e, utilizando de estratégias narrativas, induzir certos comportamentos sociais. Com isso, certos aspectos da realidade são salientados, enquanto outros são amenizados, de forma que a avaliação sobre eles seja praticamente guiada (ENTMAN, 1993). Dentro do contexto político, porém, a mídia ganha mais um papel, o investigativo. Segundo Bucci (2000, p.41), “O jornalismo consiste em publicar o que os outros querem esconder, mas o que o cidadão tem direito de saber.”

Essa tendência acarreta um maior enfoque em conflitos políticos em comparação a feitos positivos dos sujeitos. Esses eventos negativos então passam pelo processo de se tornarem narrativas, e com isso, políticos se tornam personagens, com papéis semelhantes a heróis, vilões, vencedores e injustiçados, em uma estrutura quase dramaturga (VIEIRA e MAIA, 2016). Essa estrutura então provoca reações no campo emocional dos leitores, que passam a enxergar os políticos como aqueles personagens. Segundo Mesquita (2003), imagens que simplificam as pessoas são preferidas por jornalistas. Essa estratégia é comentada por Soares (1996):

A política é o terreno por excelência da dramatização: os líderes “personificam” algo para o grupo através de sua atuação, as massas participam vicariamente do drama social sob a forma de “entretenimento”, identificando heróis, vilões ou loucos, situando-se na “cena”. Políticos, conscientes da projeção de suas imagens sobre as audiências, constroem pseudo-eventos, acontecimentos de entretenimento e desempenho teatrais, através dos quais podem controlar a apresentação de sua imagem para a massa (SOARES, 1996, p. 149-150).

O predomínio da negatividade na cobertura políticas segue a teoria de que boa política não gera boas notícias (PATTERSON, 1993). Esse pensamento é a base da chamada espiral do cinismo, fenômeno que ocorre de forma cíclica e que, por conta da cobertura negativa da mídia,

diminui a confiança da população em seus governantes, que por sua vez não encontram ônus em trabalhar para o bem público, haja visto que sempre serão retratados de forma negativa, ponto onde a espiral recomeça (CAPELLA E JAMIESON, 1997).

Além da tendência negativa das coberturas, outra característica presente na relação entre mídia e política é a reportagem tendenciosa, exemplificada aqui pelo viés midiático. Nesse caso, espectros políticos são acentuados em detrimento de outros. Como mencionado, a mídia é um sujeito de natureza privada, e, portanto, as elites midiáticas refletem seus valores e ideologias em seus veículos (MUNDIM, 2013).

Segundo Guareschi (1998), existem duas técnicas utilizadas pela imprensa para manipular as informações. A primeira é descrita por ele diluição, onde o jornalismo transforma um acontecimento em medíocre e o diminui até que seja visto como um fenômeno isolado. A outra opção é a recuperação, quando um episódio negativo é apresentado com fatos que justifiquem seu acontecimento e faça que seja aceito pela sociedade.

Diante disso, a imprensa transforma o fato com base em seu repertório, defendendo as elites as quais representa (ABRAMO, 2003). A imprensa se torna então uma imprensa de partido, e à sua autocompreensão como órgão da esfera civil (GOMES, 2004). Em seu papel de imprensa de partido, esta toma para si funções que cabiam aos partidos tradicionais, como a definição da agenda de temas, a transmissão de informações políticas e até a fiscalização das ações políticas (LIMA, 2001).

Ademais, a mídia, como quarto poder usurpado, condiciona os atores dos outros três poderes a seus próprios interesses. Ou seja, segundo Mundim (2013):

Os políticos, para conquistarem espaços na mídia, devem se condicionar aos interesses e rotinas das próprias empresas de comunicação, que acabam interferindo nas rotinas políticas, impondo seus procedimentos de trabalho (MUNDIM, 2013, p.4).

Apesar disso, é uma via de mão dupla, pois assim como o Estado utiliza da mídia para se comunicar com o povo, a mídia tem o Estado como matéria prima jornalística (MUNDIM, 2013). Outro fator que interliga a política à imprensa é o espetáculo, a performance discursiva e até mesmo teatral dos políticos. Dentro do ambiente midiático, esses padrões recebem espaço e são rapidamente disseminados (WEBER, 2000).

Nesse momento, a política espetáculo é uma estratégia de ganhos para ambos os lados, considerando os governantes como os atores da troca. O conceito de espetáculo também pode ser analisado pela ótica do escândalo, que seria a revelação de fatos ocultos que poderiam trazer prejuízo aos indivíduos (THOMPSON, 2002). Além disso, o uso da mídia pelo poder político

não é acidental, mas essencial a ele (BORDIEU, 2007). Para além, cada vez mais a geração do chamado capital político depende da visibilidade nos meios de comunicação, aumentando o interesse dos políticos e estarem presentes nestes (MIGUEL, 2002).

Porém, além desses atores, há também a cobertura dos momentos políticos, como manifestações coletivas, atos e ascensão de líderes populares. Nesse caso, não existe a preparação teatral dos políticos em cena, mas a cobertura da mídia tende a seguir sua linha ideológica. A tendência é que a cobertura de manifestações apresente imagens de vandalismo, depredações e violência, como maneira de apoio ao Estado. Fonseca (2013) afirma que

Geralmente os principais meios de comunicação trabalham com uma linha editorial que se baseia na criminalização e na invisibilidade de segmentos sociais, marginalizando os movimentos sociais existentes e fazendo com que os objetivos destes sejam minimizados pela mídia, o que demonstra que os meios de comunicação utilizam diferentes critérios para públicos diferentes (FONSECA, 2013, p.18)

Além disso, em eventos surgidos no seio dos movimentos sociais, cabe à mídia exercer certo controle sobre a maneira de retratar essas manifestações. Isso porque, ao inflamar os motivos, a comunicação pode ganhar papel de incentivador dos atos, como foi o caso das Jornadas de Junho em 2013, onde a cobertura editorial tinha como objetivo aumentar as manifestações contra a presidenta Dilma Rousseff. Nesse momento, a mídia teve um grande papel de estímulo, inclusive adicionando pautas ao debate, como será tratado mais a frente.

Assim como a mídia tem o poder de inflamar e centralizar eventos, também tem o poder de reduzi-los e marginalizá-los, tudo a depender da linha ideológica a que seguem. Sendo assim, os fatores visíveis ou invisíveis no universo político dependem diretamente dos interesses inerentes a classe, grupo ou elite social representados (BORDIEU, 2007). No caso da mídia, esses interesses são apresentados por meio do mencionado viés político, a partir da linha editorial apresentada.

Com o poder de produção e difusão de discursos concentrado na mão de poucos, os meios de comunicação ganham a capacidade de simular a realidade, que se torna apenas uma reprodução (SODRÉ, 1983). Segundo Barros Filho (*et al*, 2012), a principal forma escolhida pela mídia para reproduzir informações com suas linhas editoriais é ocultando partes dos fatos, ora por interesse próprio, ora por pressões políticas e econômicas.

Portanto, diante do analisado, o jogo político tem de se adequar as regras da mídia, onde espetáculo se funde com notícia. A imprensa tem métodos de manipulação de cobertura que garantem a igualdade de espaço disponível para diferentes ideologias, mas não garante sua total veracidade, acarretando o enviesamento de noticiários. Por fim, a mídia tem o poder de

centralizar ou marginalizar temáticas, garantindo sua capacidade de criar a realidade e, portanto, modificar o jogo político em si.

2. MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS E COBERTURA DE IMPRENSA

O presente capítulo tem como objetivo analisar a cobertura midiática em movimentos contestatórios, em específico as “Jornadas de Junho de 2013, no Brasil”, e o “*Occupy Wall Street*”, nos Estados Unidos. O primeiro tópico busca analisar de forma geral como a imprensa manifesta sua opinião e valores, a partir de um enviesamento de notícias, encontrando as tendências ideológicas e como estas influenciam o público.

Em segundo lugar, analisa-se o caso do *Occupy Wall Street*, movimento de caráter contestatório que surgiu nos Estados Unidos em 2011, mas se espalhou pelo globo a partir do uso das mídias digitais e redes sociais como forma de diálogo. O movimento representa um novo estilo de manifestação, com uma descentralização de poder e sem lideranças que o controlem. Isso permite uma variedade de pautas e ideologias que geram inúmeros debates dentro do mesmo processo de contestação.

Por fim, busca-se analisar o caso das Jornadas de Junho no Brasil, que foram inspiradas diretamente no Occupy e seguiram as mesmas características de horizontalização do poder e de uso da internet como forma de propagação de conteúdo. No caso brasileiro, os manifestantes não utilizaram da estratégia de uma ocupação fixa, e sim de protestos marcados em vários dias do mês de junho de 2013.

2.1 VIÉS DE COBERTURA: A IMPRENSA TEM POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO?

Conforme apresentado, a mídia tem um poder central dentro da sociedade, e sua influência é percebida em todas as esferas. Além disso, é clara a manipulação de poder e de elementos simbólicos como elemento central da imprensa tradicional (Eagleton, 1991). Isso principalmente pelo caráter privado das empresas de mídia, o que leva a análise de certo viés identitário por parte dos veículos de comunicação.

Esse viés é explicado como surgido das escolhas econômicas (HAMILTON, 2004), e, segundo os estudos de Iyengar e Hahn (2009), surgem através da demanda de consumidores,

que selecionam as informações que consomem a partir de sua ideologia. Ainda nesse pensamento, Hamilton (2004) afirma que motivações adicionais podem surgir quando a mídia está sobre controle de um grupo ou indivíduo. Mundim (2013, p.8) acrescenta: “eles podem também decidir trocar o seu lucro por ideologia com o intuito de influenciar o resultado das eleições, declarando o apoio a um determinado candidato ou partido político.”

Diante disso, os veículos de comunicação apresentam uma tendência ideológica referente ao grupo que as comanda. Ademais, essa análise de tendência deve ser acompanhada do fato de que setores inteiros de comunicação tem se unido em prol dos mesmos interesses no campo político:

Interesses semelhantes, principalmente do ponto de vista político e econômico, (...) em certos momentos fazem alguns conglomerados empresariais de comunicação (...) se associarem e se tornarem *um bloco de ação política* (ROVAI, 2007, p.118)

Ainda segundo Mundim (2013), a imprensa é, de fato relativamente homogênea, e tende a se manter contrária às candidaturas e governos de centro-esquerda e esquerda, e, portanto, favorecendo as de direita e centro-direita. Nesse sentido, fica claro que a imprensa segue se alinhando ao lado conservador, haja visto que são esses os grupos que a controlam, chamados por Azevedo (2009) de *Barões da Imprensa*. Porém, em casos específicos, onde o lado conservador apresenta uma opinião conflitante à da imprensa, ou até mesmo extrema demais, o mercado da mídia pode mudar seu posicionamento.

Além disso, o teor das publicações segue tendências específicas para ambos os lados, para Bernhardt, Krasa e Polborn, os consumidores querem “ouvir notícias que são positivas para o candidato ideologicamente mais próximo e negativas sobre o candidato oponente” (2006, p.5). Com isso, os autores desenvolvem um índice de viés midiático construído a partir da soma de notícias positivas de um candidato com as negativas de seu principal oponente. Isso porque, se candidatos oponentes recebem apenas coberturas negativas, ambos se anulam, assim como se ambos recebem apenas coberturas positivas.

Hamilton (2004, p.103-105) defende que, “ao juntar uma maior audiência, um jornal poderia cobrar taxas mais altas de seus anunciantes e tirar vantagem das economias de escala de produção de papel”. Ou seja, um jornal pode usar a estratégia de se posicionar em um lado do espectro como tática para fidelizar os consumidores que concordam com suas opiniões, aumentando críticas contra suas oposições.

A cobertura política é feita de forma racional, e apesar de se apresentar como apartidária, quando a imprensa denuncia um escândalo político, produz, com ou sem intenções,

consequências e efeitos na vida partidária e eleitoral (AZEVEDO, 2010). Segundo o autor, o jornalismo tem cumprido um papel de cão de guarda, sendo fortemente partidarizado pelo menos nos últimos 50 anos. Outro fator importante é que qualquer escândalo surgido favorece sua oposição, principalmente se o escândalo for referente ao grupo no controle.

Apesar das elites midiáticas seguirem uma tendência de se alinham à direita no espectro, pode-se citar um exemplo de escândalos político brasileiro, de governo de centro-direita, divulgado amplamente pela mídia. Nesse caso, o “Collorgate”, caso que resultou no impeachment de Fernando Collor, presidente alinhado à direita.

No outro lado, tem-se os casos de Vargas e Lula, governos de caráter populista e centro-esquerda, respectivamente. No caso de Vargas, a mídia fez abertamente campanha contra Getúlio, beneficiando Carlos Lacerda. No caso de Lula, o “mensalão” recebeu atenção de jornais de todos os espectros, o que deu poder à oposição na construção de campanha usando o caso mensalão. (AZEVEDO, 2010).

Com isso, Azevedo (2010) é um dos autores que defende que, apesar de seu caráter privado, a imprensa brasileira no geral tem a capacidade de manter seu caráter investigativo e crítico perante escândalos políticos de todos os espectros ideológicos. Isso porque, por conta desse mesmo caráter privado, os meios de comunicação são dominados por grupos que transitam no espectro e que tem interesses em cada uma dessas crises.

Do outro lado tem-se a cobertura quanto a manifestações, com objetivo de orientação do público. Tradicionalmente, os meios de comunicação utilizam de termos como vândalos, para gerar um julgamento político e moral por parte da audiência (FONSECA, 2013). Isso porque, em sua maioria, as manifestações têm cunho popular, e vão contra o interesse das elites, tanto políticas quanto midiáticas.

Apesar da grande influência da mídia no processo decisório popular, ela não é a única variável que define os rumos da opinião pública. Essa grande influência se dá por conta da legitimidade que a mídia confere aos temas, e como a maioria das pessoas tem pouco conhecimento sobre os políticos e o processo decisório em si, o acesso por meio da imprensa se torna central na formação de pensamento.

Porém, métodos como a democracia deliberativa podem influenciar positivamente na construção do conhecimento popular acerca da política e dos processos. Isso porque a deliberação coloca a população como participante das decisões públicas, transformando uma representação indireta em direta a partir da inclusão de momentos de discussão coletivos afim de se estabelecer soluções para os temas políticos e sociais (COLEMAN E BLUMLER, 2009).

Porém, esse processo é considerado por muitos autores como inviável, haja visto que em países de grande extensão territorial e populacional, existe uma impossibilidade de reunir toda a sociedade para uma discussão. Além disso, a democracia deliberativa também demanda certa competência intelectual e compreensão dos assuntos a serem debatidos, reduzindo ainda mais a aplicabilidade, pois grande parte das massas populares não tem tempo para compreender com totalidade os assuntos a serem discutidos (COLEMAN E BLUMLER, 2009).

Diante do exposto, entende-se que, por conta de seu caráter privado, a mídia possui um posicionamento em sua cobertura política que vai além da ideologia de seus controladores. Isso por conta das relações diretas entre as elites midiática e política, que geram interesses para ambos os lados, influenciando diretamente no viés adotado durante escândalos. Sendo assim, a mídia tende a ser parcial, mas não se alinha sempre ao mesmo lado ideológico, e sim ao lado que apresenta mais vantagens momentâneas.

2.2 O OCCUPY WALL STREET

Os Estados Unidos foram o epicentro da crise financeira de 2008, que se espalhou por todo o globo e gerou um aumento dos problemas socioeconômicos mundiais. Esse processo de dilatação de desigualdade econômica gerou revoltas, com enfoque na Primavera Árabe. De volta aos Estados Unidos, a crise financeira de 2008 desencadeou uma queda de 25% na renda familiar estadunidense, e o desemprego teve uma alta de 10,1%, maior percentual em 25 anos.

Diante disso, a indignação popular cresceu com o aumento da crise e da desigualdade, quando em 2011, Kalle Lasn, o fundador de uma revista ativista chamada Adbusters resolveu convocar um protesto em Wall Street pelas redes sociais. Wall Street é considerada o polo econômico de Manhattan, distrito financeiro de Nova York. A ocupação se deu em 17 de setembro de 2011 no Zuccotti Park. Por conta disso, o movimento ficou mundialmente conhecido como *Occupy Wall Street* (OWS).

O movimento foi inspirado na Primavera Árabe, no Egito, e nos Indignados, na Espanha. Ambos os movimentos tinham como pauta a luta por ideais socioeconômicos, e foram construídas por meio da propagação viral de informações através das redes sociais. Assim, as informações e ideias foram espalhadas e incentivaram milhares de pessoas a ocuparem as praças nas capitais Madrid e Cairo (KROLL, 2011).

O slogan do movimento era *"We are the 99%"* (Nós somos os 99%), se referindo ao abismo econômico entre o 1% mais rico de todo o restante da população mundial. Em 2007 nos Estados Unidos, esse 1% controlava 23,5% de toda a renda americana (CASTELLS, 2013, p.

121). “cerca de 60% da camada dos ultra ricos são dirigentes de empresas financeiras ou não financeiras, cujas remunerações mais que quadruplicaram a partir dos anos 1970” (SAUVIAT, 2012, p.151).

De acordo com Gelder (2011, p. 2, tradução nossa):

O *Occupy Wall Street* é um movimento que não está apenas exigindo mudança. Ele está também transformando a maneira como nós, os 99%, nos vemos. A vergonha que muitos de nós sentimos quando não conseguimos encontrar um emprego, pagar nossas dívidas ou manter nossa casa está sendo substituída por um despertar político. Milhões agora reconhecem que nós não somos os culpados por uma economia fraca, pelo colapso das hipotecas e nem por um sistema de impostos que favorece os mais ricos. Os 99% estão vindo para mostrar que somos o efeito colateral dos ricos que querem ficar ainda mais ricos. Nós somos a maioria da população e, uma vez que entrarmos em ação, não poderemos ser ignorados. Nossos líderes não irão consertar as coisas para nós; nós teremos que consertar por conta própria. (GELDER, 2011, p. 2, tradução nossa).¹

Sendo assim, as desigualdades sociais provenientes do capitalismo foram responsáveis pelo levante da juventude em prol de seus objetivos sociais. Para Zizek (2011, p. 18) os manifestantes “Não estão destruindo nada, estão reagindo ao modo como o sistema gradualmente destrói a si próprio”.

Uma característica importante desse movimento é a questão da hierarquia:

A mudança do eixo das demandas da economia para um patamar mais cultural refletiu-se na organização dos Novos Movimentos Sociais fazendo com que se apresentem mais descentralizados, sem hierarquias internas, com estruturas colegiadas, mais participativos, abertos, espontâneos e fluidos. As lideranças continuam a ter importante papel no esquema de análise dos NMS. Mas elas são apreendidas atuando em grupos, formando correntes de opiniões. Não há lugar nesta estrutura para os velhos líderes oligárquicos, que se destacavam por sua oratória, por seu carisma e poder sobre seus liderados. Disto resulta que os movimentos passaram a atuar mais como redes de troca de informações e cooperação em eventos e campanhas. (GOHN, 2002, p. 126).

Ou seja, em protestos anteriores, havia uma maior disciplina e centralização da organização dos movimentos sociais. Nos novos movimentos, apesar de ainda existirem

¹ The OWS movement is not just demanding change. It is also transforming how we, the 99%, see ourselves. The shame many of us felt when we couldn't find a job, pay down our debts, or keep our home is being replaced by a political awakening. Millions now recognize that we are not to blame for a weak economy, for a subprime mortgage meltdown, or for a tax system that favors the wealthy but bankrupts the government. The 99% are coming to see that we are collateral damage in an all-out effort by the super-rich to get even richer. We are the vast majority of the population, and, once we get active, we cannot be ignored. Our leaders will not fix things for us; we will have to do that ourselves.

lideranças pautando etapas, os manifestantes assumem um caráter mais crítico, construindo os movimentos juntamente aos líderes.

As decisões tomadas no movimento eram feitas a partir de assembleias gerais, que pautavam as ações do movimento, e basicamente eram reuniões de um grupo sem líderes, que se reuniam para tomar decisões em consenso. Essa falta de hierarquia foi definida como poder horizontal, pois não havia líderes, e os próprios participantes determinavam as estratégias a serem seguidas. Além disso, foram definidos grupos de trabalho que cuidavam de áreas distintas, como: comida, higiene, facilitação dos encontros, artes e cultura, tática de debates, demandas e problemas em geral (WINANS, 2012, p.45).

Essa democracia utilizada nas tomadas de decisão possui raízes anarquistas. Segundo a página do movimento:

O *Occupy Wall Street* é estruturado com em princípios anarquistas. Isso significa que não existem líderes formais e nem uma hierarquia formal. Entretanto, o movimento está cheio de pessoas que lideram pelo exemplo. Nós somos líderes integrais, e é isso que nos faz fortes. Ao invés de escolhermos líderes, aos quais você teria que seguir, os líderes aqui surgem organicamente. Essas pessoas se tornam líderes porque outras pessoas decidem segui-las. A qualquer momento você pode escolher qualquer um para seguir. Você pode seguir mais de uma pessoa. Se as pessoas gostarem das suas ideias, elas podem escolher seguir você. Qualquer um pode vir a ser um líder. (OCCUPY WALL STREET, 2013, tradução nossa).²

Além disso, para manter a segurança dos manifestantes e o apoio popular, o OWS prezava pela não violência, principalmente contra policiais e pedestres. O próprio grupo afirmava respeitar a diversidade de táticas, mas analisando que ações individuais poderiam afetar todo o grupo. Na prática, a ação dos participantes contra policiais não teve uso de força, apenas uso de câmeras (SCHNEIDER, 2011, p.39).

Outra questão a ser abordada são os objetivos desses novos movimentos, que, em sua maioria tem como enfoque a busca da sociedade civil por melhorias e/ ou contra a opressão do sistema (ALLI, MUSSOI E PEREIRA, 2014). Além disso, a falta de confiança nas instituições políticas e a desilusão acerca dos partidos marcam os movimentos atuais.

² Occupy Wall Street is structured on anarchist organizing principles. This means there are no formal leaders and no formal hierarchy. Rather, the movement is full of people who lead by example. We are leader-full, and this makes us strong. Instead of picking leaders, which you would then have to follow, leaders emerge organically. These people become leaders because others choose to follow them. At anytime you can choose to follow someone else. You can follow more than one person. If people like your ideas, they may choose to follow you. Anyone can become a leader.

Outro fator de grande importância é a era da informação, marcada pelo advento da internet e das redes sociais:

Mas a Internet é mais que um mero instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003, p. 115)

Além disso, essa característica da informação traz outra modificação para os movimentos, na parte de sua organização. Dessa forma, não há a necessidade de uma institucionalização dos movimentos, haja visto que sua organização poder ser feita de forma muito mais fácil e rápida através da internet (ALLI, MUSSOI E PEREIRA, 2014).

O caso em Wall Street seguiu todos esses pontos, com as reivindicações focadas contra o sistema em geral, mas principalmente contra as consequências da crise de 2008 com seus efeitos a longo prazo. Os manifestantes consideravam a culpa da ganância e do monopólio do poder econômico, financeiro e político das oligarquias e de seus privilégios (GAZETA DO POVO, 2011a e 2011b). Porém, além disso, outro fator característico dos novos movimentos é a falta de unificação de demandas, o que gera uma grande quantidade de demandas pessoais abaixo de uma descrença coletiva.

O fator unificador dos manifestantes era o *slogan* do movimento, que foi o “nós somos os 99%”. Isso porque grande parte da população sofria os efeitos da crise de 2008 e da acumulação de capital nas mãos de uma minoria (GAZETA DO POVO, 2011a). Sendo assim, o que aglutinava os manifestantes em um movimento social era a insatisfação com o sistema, mas principalmente com a desigualdade social em aumento.

Nos dois primeiros meses de manifestação, o movimento teve amplo apoio da população. Logo houve mobilizações em centenas de cidades no país, cada qual com suas características específicas, mas sempre em todo de um descontentamento econômico coletivo (SOUVIAT, 2012).

O perfil dos manifestantes é um fator importante para entender o movimento. Quase três quartos dos ocupantes eram graduandos ou mestrandos, e somente um terço deles estaria desempregado. Além disso, apenas cerca de um quarto se dizia democrata, sendo o restante referido como independente. A idade média era de 26 anos. (WALL STREET JOURNAL, 2011a). Em relação aos apoiadores do movimento, a média de idade era entre 50 e 64 anos, com renda anual entre 50 mil e 70 mil dólares, e com residência no oeste dos Estados Unidos

WALL STREET JOURNAL, 2011b). Dessa forma, entende-se que o OWS foi um movimento com grande presença de jovens, principalmente de jovens com altas taxas de estudo.

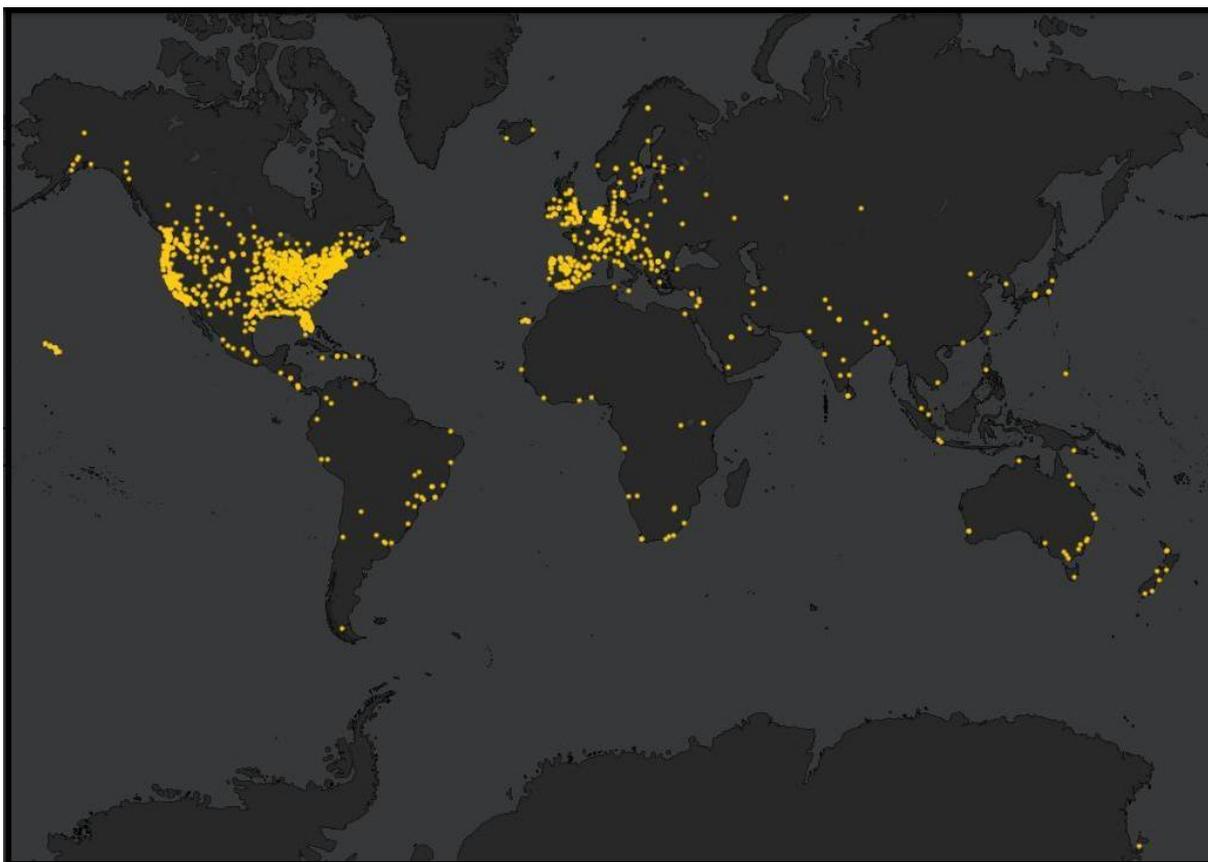
Outro fator de destaque no movimento foi o amplo uso das redes sociais para divulgar as pautas e informações relevantes, que garantiam uma transmissão quase simultânea dos acontecimentos. “Eles configuraram canais de transmissão ao vivo 24 horas por dia de vídeos, junto com páginas no Facebook, Tumblr, Twitter, todos os tipos de ligações sociais” (GITLIN, 2012, p. 14, tradução nossa).³

No Twitter, as informações eram dissipadas em forma de transmissão ao vivo dos acontecimentos. O uso da plataforma teve grande importância como forma de garantir certo senso de justiça, principalmente em confrontos com a polícia. Sendo assim, a utilização das mídias possibilitou o surgimento de vozes da massa popular, que até então não teriam nenhum apoio político. Além disso, permitiram a organização e coordenação de eventos e ações muito maiores, por conta de seu rápido e fácil alcance.

Por conta de sua ampla divulgação, o movimento se espalhou rapidamente, convidando pessoas do mundo todo a protestarem acerca das injustiças socioeconômicas de seus países. As principais ocupações espalhadas pelo planeta foram: Amsterdam, Atenas, Atlanta, Austin, Acampada Barcelona, Boston, Bruxelas, Chicago, Dataram, Washington DC, Detroit, Dublin, Filadélfia, Frankfurt, Londres, Los Angeles, Acampada Madrid, Minneapolis, Montreal, Oakland, Paris, Portland, Rio de Janeiro, São Francisco, Seattle, Sidney e Toronto (OCCUPYWALLST, 2013). Na figura abaixo é possível verificar os polos do movimento no mundo todo.

³ No original: They set up live stream channels for 24/7 video images, along with Facebook pages, Tumblrs, Twitter feeds, all manner of social linkages.

Figura 1 - Disseminação do movimento OWS pelo mundo.



Fonte: OCCUPY. – Occupy Directory: 1505 occupations. Disponível em: <http://occupywallst.org/infotent/>
Acesso em: 25 abr. 2013.

Após um mês de ocupação, o grupo mantenedor do Zucotti Park, o Brookfield Properties, alegou a necessidade de limpeza do local por questões de saúde pública. No dia 13 de outubro, o grupo anunciou que iria iniciar a retirada das tendas do local, e que, apesar dos manifestantes poderem retornar ao parque, não poderiam remontar as tendas ou dormir no local (WINANS, 2012, p.47).

Nesse momento, os manifestantes recorreram a internet, chamando mais pessoas via Twitter para que impedissem a retirada das tendas. Com esse aumento no número de pessoas, a limpeza do parque foi adiada. Somente em novembro, em uma ação conjunta com a polícia, a companhia colocou em prática seu plano de limpeza do local. A ação ocorreu no meio da madrugada, e os policiais deram aos manifestantes somente um tempo mínimo para retirarem seus pertences. Muitos manifestantes que se recusaram a sair do local foram presos, e a imprensa foi impedida de chegar ao local.

Após a ação, os manifestantes foram impedidos de dormirem no local, podendo apenas retornar durante o dia. Com isso, o número de participantes reduziu fortemente, pois muitos não moravam em Nova York, e não tendo local para dormir, retornaram a suas cidades

(WINANS, 2012, p.52). Com isso, o protesto no *Zucotti Park* perdeu força, finalizando o ano de 2011 com poucas ocupações semanais, e com um número muito menor de participantes.

Apesar de seu fim como movimento de ocupação, o OWS continuou com muita força nas redes, e foi influência direta para outros movimentos sociais de contestação, como é o caso das Jornadas de Junho no Brasil. Além disso, o movimento foi emblemático para demonstrar que vários grupos ideológicos podem se unir em prol de um objetivo, ainda que não tenham uma liderança, tudo graças à internet.

2.3 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

O Brasil de 2013 foi palco de uma onda de protestos que não eram vistos desde o movimento pelo impeachment de Fernando Collor em 1992. Mais de mil cidades do país tiveram suas principais avenidas ocupadas por milhões de jovens em um frenesi que abalou o sistema político e prejudicou fortemente a imagem dos governantes em todos os âmbitos, mas principalmente no federal.

No Brasil, a crise de 2008 não surgiu tantos efeitos, e o país fechou o ano com um aumento de 5,2% em seu PIB (FREITAS, 2020). Porém, em 2009, já no governo da presidente Dilma Rousseff esse índice retraiu 0,3%. Além disso, o dólar sofreu um aumento exponencial nesse período, chegando a valer R\$3,20, valor que, no período, era considerado altíssimo. Por fim, o aumento das tarifas de transporte público em 2013 foi o estopim, e a população considerava que a economia estava ruindo, gerando levantes populares que se tornaram as chamadas “Jornadas de Junho”.

Em 3 de junho de 2013, manifestações convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), que propõe uma tarifa zerada para o transporte público no país (ESPÍRITO SANTO; DINIZ; RIBEIRO, 2016), reuniram centenas de pessoas em São Paulo, protestando contra o aumento de R\$0,20 na tarifa do transporte público. Apesar da tentativa de contenção policial, os manifestantes conseguiram visibilidade em jornais e redes sociais, o que permitiu que as manifestações retornassem nos dias seguintes, cada vez com maior participação popular.

O descontentamento popular começou a se alastrar pelo país, e mais cidades começaram a organizar atos, e esse crescimento acarretou também uma maior diversidade de pautas e reivindicações. Ainda no dia 17 de junho, um ato em Brasília se tornou um marco, e manifestantes subiram no telhado do Congresso Nacional, deixando clara a mensagem de que não iriam recuar. Em 20 de junho, segundo manchetes publicadas pelo jornal G1, em 388

cidade brasileiras, mais de 1 milhão de pessoas vão as ruas em manifestações populares que reivindicavam melhorias em diversos setores da sociedade, além de mostrarem sua indignação com o governo federal em gestão, o do Partido dos Trabalhadores (PT).

Nesse momento, as pautas eram variadas, sendo utilizadas frases como “O gigante acordou” e “Não é só pelos 20 centavos”. O dia 20 de junho foi o ápice das manifestações, recebendo o maior número de pessoas nas ruas e o maior número de cidades envolvidas desde o início do movimento. Com isso, as reivindicações se expandiram para outras áreas, e o descontentamento com o transporte público era a pauta principal de apenas 37,6% dos manifestantes, seguido por 29,9% de descontentamento e desconfiança política (IBOPE, 2013).

Até mesmo a Copa do Mundo Fifa de 2014, que até então era vista como um momento de prosperidade do país, começou a ser vista pela população como um gasto excessivo, passível de superfaturamento, que iria prejudicar a economia do país (FONSECA, 2013). Frases como “trocamos 10 estádios por um hospital decente” comprovam o quanto a população estava descontente com a situação social e econômica do país.

Além disso, o retrato percebido é de uma maioria civil, não organizada politicamente e de classe média, reivindicando melhores condições econômicas e políticas. Segundo pesquisas feitas nas manifestações de São Paulo, entre 70% e 80% dos manifestantes eram trabalhadores, e de maioria jovem. Além disso, cerca de metade dos manifestantes tinha renda familiar inferior a 5 salários-mínimos. Outro fato interessante é que, dessa juventude concentrada, a grande maioria nunca tinha participado de qualquer manifestação (CALIL, 2013). Além disso, 84% dos participantes afirmavam não ter preferência partidária (KROHLING e LACERDA, 2013).

As demandas iniciais, dadas a partir de um aumento de R\$0,20 nas tarifas do transporte coletivo, apresentam um caráter semelhante ao Occupy, com a população se levantando contra desigualdades sociais. Nesse caso, o transporte público evidencia as diferenças entre a elite e as massas que dependem desse transporte. Diante disso, o fator econômico e a oposição às elites demarcam o início de ambos os movimentos.

Outro fator semelhante ao do OWS percebido é a descentralização de poder e falta de uma hierarquia na organização dos atos. A divulgação das manifestações foi feita por meio das redes sociais, e não surgiram de nenhum partido ou organização específica:

em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da Mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2013, p.12)

O processo seguiu a mesma tendência de horizontalidade utilizada no Occupy, o que permitiu uma maior mobilização, por dar espaço a uma maior diversificação de demandas, que manteria a individualidade dos participantes (KROHLING e LACERDA, 2013). É fato que, todo o processo inicial das manifestações e o tom político dado a elas pode ser relacionado ao Movimento Passe Livre (MPL) (FONSECA, 2013). O próprio MPL afirma que o uso das redes sociais é preferível, e que o movimento:

deve utilizar mídias alternativas para a divulgação de ações e fomentar a criação e expansão destes meios. Já o contato com a mídia corporativa deve ser cauteloso, entendendo que estes meios estão diretamente atrelados às oligarquias do transporte e do Poder Público.” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013a)

Há, por parte dos novos movimentos sociais, uma desconfiança em relação à mídia tradicional, e a ela é relacionada um controle por parte das elites. No Brasil, as concessões de rádio e TV são dadas por parte do governo, o que tende a favorecer o alinhamento entre os empresários da mídia e os políticos (ESPÍRITO SANTO; DINIZ; RIBEIRO, 2016). Além disso, a cobertura da mídia tradicional em relação a protestos geralmente é negativa, desfavorecendo os movimentos.

Sendo assim, as forças são voltadas para as mídias digitais, principalmente nas redes sociais. Dessa forma, os manifestantes têm controle do que será divulgado, e, portanto, de manter a veracidade das informações e pautas, ou, em outro extremo, manipulá-las a seu favor. Dessa forma, e com as estratégias corretas, os movimentos sociais conseguem ascender nas redes muito mais rapidamente do que as informações da mídia tradicional, o que dificulta uma oposição articulada entre governo e elite midiática.

A mídia nas mãos dos cidadãos pode sacudir regimes. Isso torna muito mais difícil para os governantes manter a legitimidade, controlando a esfera pública. Mas os ativistas, que fizeram tal uso eficaz da tecnologia para reunir adeptos, ainda precisam descobrir como converter essa energia em maior impacto. A questão não é apenas desafiar o poder, é mudá-lo. (TUFEKCI, 2014)

O MPL afirma as políticas de mobilidade urbana como processos para usufruto dos direitos básicos de ir e vir e a existência social nas cidades. O movimento teve como pauta inicial o direito pelo passe livre estudantil, porém, com a percepção das desigualdades causadas pela limitação da pauta a um grupo específico, o MPL ampliou suas discussões. Seus debates então foram baseados no Projeto Tarifa Zero, planejado por Luiza Erundina em sua gestão como prefeita de São Paulo no início dos anos 90, mas que nunca saiu do papel (FONSECA, 2013).

O MPL se identifica como “um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário.” Ou seja, o movimento tem o mesmo tipo de organização construído pelo Occupy, seguindo a linha de organização horizontal, sem liderança centralizada, tendo como forma de tomada de discussão principalmente as redes sociais, caráter fundamental para a construção dos movimentos.

A questão do apartidarismo é importante para entender o teor do movimento. Isso porque nas ruas não havia líderes ou organizadores de partidos, apesar das pautas serem completamente políticas. Nesse contexto, nem mesmo os partidos sabiam como se portar e se inserir nos protestos:

Governo, políticos de todos os partidos, imprensa, cronistas políticos e até mesmo cientistas sociais foram pegos de surpresa pelas manifestações de massa que mudaram a face e o cotidiano de nossas cidades em junho. [...] Elas evocam os grandes e raros momentos da história em que mudanças e rupturas que pareciam inimagináveis até a véspera se impõem à agenda política da sociedade e, em alguns casos, acabam transformando em possibilidade algumas mudanças sociais e políticas que pareciam inalcançáveis. (VAINER, 2013, p.35)

Apesar disso, os manifestantes tinham sua visão ideológica, ainda que mantivessem afastamento dos partidos. Outro fator interessante é a maioria concentrada no centro, conforme imagem abaixo:

Quadro 1 - Localização dos manifestantes no espectro ideológico.

Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sabe
22%	14%	31%%	11%	10%	13%

Fonte: Singer, 2013.

Diante disso, percebe-se um afastamento da população dos extremos ideológicos, tendo esses mantido a tendência de agrupamento no centro, além de uma falta de confiança nos partidos tradicionais e suas ideologias. Mesmo que a maioria dos participantes se identifique

como centro, partidos que se identificam nesse espectro ideológico não conseguiram ganhar espaço em meio as manifestações, demonstrando que o descontentamento era com os partidos em si, e não somente com os extremos ideológicos. Apesar disso, o percentual concentrado na esquerda retrata uma inclinação dos manifestantes para as pautas sociais.

Um fator muito perceptível nas manifestações de junho foi a violência policial empregada contra a população nas ruas. A repressão foi extremamente violenta, no dia 13 de junho, de acordo com relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 24 jornalistas foram feridos. Antes mesmo do protesto, 40 pessoas foram presas, ainda na concentração. Nesse dia, a polícia usou gás lacrimogêneo, spray de pimenta e balas de borracha para reprimir a população nas ruas, e cento e cinco pessoas ficaram feridas.

No dia 14 de junho, muitos manifestantes foram feridos pela ação policial. Além disso, houve uma tentativa de culpar os manifestantes pela repressão, que foi rapidamente desmentida por vídeos e imagens publicadas nas redes sociais (CALIL, 2013). Vídeos dos próprios policiais quebrando viaturas para culpar manifestantes e atirando balas de borracha em direção a apartamentos em que os atos violentos eram filmados foram suficientes para aumentar o apoio geral aos protestos. Com isso, o apoio às manifestações cresceu rapidamente, como demonstra quadro abaixo:

Quadro 2 - Opinião sobre os protestos contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo

	13/06/2013	18/06/2013
A favor	55	77
Contra	41	18
Indiferente	3	5
Não sabe	1	1

Fonte: DataFolha, 2013.

Outro fato que diferencia as jornadas de junho do movimento Occupy é o bloco de manifestantes que utilizaram de violência. A mídia noticiou os atos de vandalismo e as ações dos chamados “*Black Blocs*” com alta promoção, o que fez com que a sociedade civil começasse a perder identificação com o movimento. Sendo assim, a queda do movimento começou pelo próprio movimento, com a perda de identidade legítima perante o povo (KROHLING e LACERDA, 2013).

Assim como sua rápida construção, as Jornadas de junho perderam força com certa rapidez. A população passou a não se identificar com os atos de vandalismo e os protestos começaram a se espaçar, mas não acabaram. Os anos de 2014 e 2015 também tiveram ocupações nas ruas por demandas contestatórias, mas jamais com a força e aceitação popular de junho de 2013.

3. MÉTODOS E ANÁLISE DE DADOS

O seguinte capítulo tem como objetivo analisar as variáveis presentes nos movimentos sociais observados, a partir de um método observacional, escolhido como forma de comparar os dois eventos, além da cobertura de imprensa empregada acerca dos casos. Com isso, os dados coletados serão expostos em tabelas e comparados, a fim de se chegar a uma conclusão acerca dos fatos.

Em primeiro momento, apresenta-se a metodologia utilizada na pesquisa, sendo essa a Política Comparada, tal como as variáveis a serem analisadas e a forma como estas serão comparadas entre si. Em segundo lugar, apresenta-se os dados concretos, por meio de um corpus de pesquisa, além de nuvens de palavras e tabelas de pesquisas de opinião.

3.1 MÉTODO E TÉCNICA

O presente estudo busca estudar como a cobertura de imprensa retratou as manifestações de setembro de 2011 nos Estados Unidos e de junho de 2013 no Brasil, na tentativa de compreender se a mídia buscou repassar as demandas da população ou construir uma narrativa própria, focada em seus objetivos. O método a ser utilizado é o de política comparada, a partir de um estudo observacional com dados em cortes transversais. Seguindo essa linha, duas unidades espaciais serão analisadas em seus determinados períodos de ocorrência, porém, sem que um incida diretamente no outro.

No caso da pesquisa, as unidades de tempo observadas correspondem aos anos de 2011 nos Estados Unidos, e de 2013 no Brasil. Os eventos analisados são as manifestações nomeadas de *Occupy Wall Street* e Jornadas de Junho, respectivamente. Ambas são manifestações surgidas a partir de pautas da esquerda ideológica, que se movem em direção a uma contestação dos governos no poder a partir de novas pautas alavancadas pela mídia. Com isso, a variável a ser analisada nos dois casos é a cobertura da imprensa nos protestos. Portanto, a análise será feita de forma comparativa entre os casos analisados.

Dentro disso, manchetes de jornais referência serão utilizadas para determinar como a cobertura de imprensa se deu no período das manifestações nos países citados. Nos Estados Unidos, os jornais analisados serão o *The New York Times*, o *The Washington Post* e o *The Wall Street Journal*, jornais de maior circulação e visibilidade no país. Já no Brasil, os jornais referência serão a *Folha de São Paulo*, o *Estadão* e *Carta Capital*, os dois primeiros jornais tradicionais que em teoria buscariam imparcialidade, e o terceiro, originalmente revista,

declarado claramente como de esquerda. As reportagens foram separadas de maneira aleatória, de acordo com a data da publicação, priorizando uma sequência lógica de datas em que os movimentos foram mais fortes.

Para se chegar às manchetes, buscou-se nos acervos digitais de cada jornal os termos “manifestações” e “protestos”, nos jornais brasileiros, e “protests” e “occupy”, nos jornais estadunidenses. Após, selecionou-se o período de 3 meses desde o início dos protestos em cada caso. Por fim, foram selecionadas 5 manchetes em cada jornal, de maneira aleatória, seguindo apenas a lógica de espaços de tempo relacionados às ocupações.

Ademais, utiliza-se do Software Iramuteq para promover um estudo baseado na lexicometria, a partir de uma análise dos termos que sofrem maior repetição no corpus de pesquisa. Sendo assim, o Software é responsável por construir nuvens de palavras, que apontam por tamanho os termos mais utilizados nas reportagens selecionadas. Na presente pesquisa, cada corpus gerou duas nuvens, para reduzir a incidência de artigos indefinidos e melhorar a análise dos textos. Sendo assim, cada corpus foi dividido proporcionalmente ao número de matérias jornalísticas.

Além disso, pesquisas de opinião, voltadas ao entendimento da evolução das pautas dos manifestantes, serão analisadas para compreender como os debates se ampliaram com o passar do tempo. No caso dos Estados Unidos, o *Gallup* será utilizado como instituto de pesquisa, enquanto no Brasil, os mesmos dados serão coletados por meio do DataFolha. Por fim, busca-se também entender o impacto que a cobertura midiática teve na percepção de governo, através da análise de popularidade presidencial nos períodos citados, através também de pesquisas de opinião, mas nesse caso com foco específico para a temática de governo.

3.2 COMPARAÇÃO DOS CASOS E ANÁLISE DE DADOS

Os jornais americanos tiveram certa demora para se pronunciarem acerca da temática do movimento Occupy. As primeiras manchetes começaram a surgir apenas 10 dias depois do início da ocupação, conforme tabela abaixo:

Quadro 3 - Corpus da Pesquisa – Estados Unidos

	Jornal	País	Manchete	Data
--	---------------	-------------	-----------------	-------------

Texto 1	Wall Street Journal	Estados Unidos	Wall Street Protests: Will the Revolution Be Tweeted?	19/09/2011
Texto 2	Wall Street Journal	Estados Unidos	Protesting American Capitalism	27/09/2011
Texto 3	Wall Street Journal	Estados Unidos	Wall Street Protest Digs In, Spreads	03/10/2011
Texto 4	Wall Street Journal	Estados Unidos	Occupy Wall Street, but First Call Your Mother	06/10/11
Texto 5	Wall Street Journal	Estados Unidos	The Hippie Stimulus	06/10/2011
Texto 6	The New York Times	Estados Unidos	Park Gives Wall St. Protesters a Place to Call Home	27/09/2011
Texto 7	The New York Times	Estados Unidos	<i>Wall Street Occupiers, Protesting Till Whenever</i>	30/09/2011
Texto 8	The New York Times	Estados Unidos	Hippies and Hipsters Exhale	30/09/2011
Texto 9	The New York Times	Estados Unidos	The Left Declares Its Independence	08/10/2011
Texto 10	The New York Times	Estados Unidos	Want to Get Fat on Wall Street? Try Protesting	11/10/2011
Texto 11	The Washington Post	Estados Unidos	'Occupy Wall Street,' a primer	03/10/2011
Texto 12	The Washington Post	Estados Unidos	Occupy Wall Street: A long way from Congress	27/10/2011
Texto 13	The Washington Post	Estados Unidos	What, if anything, to do about Wall Street's wealth	28/10/2011

Texto 14	The Washington Post	Estados Unidos	Occupy what else? Six new culprits for economic inequality in America.	03/11/2011
Texto 15	The Washington Post	Estados Unidos	In Occupy movement, more trouble or change?	15/11/2011

Fonte: Elaboração própria a partir do corpus de pesquisa 1.

As amostras separadas acima demonstram que os jornais começaram sua cobertura relativamente neutros, utilizando termos de baixo impacto e apenas noticiando os fatos. Porém, após a segunda semana de ocupação, as coberturas se tornaram um pouco mais tendenciosas. Os textos 5 e 8 mostram que os jornais The New York Times e Wall Street Journal usam do termo Hippy para caracterizar os manifestantes, enquanto o texto 10 insinua que a estrutura da manifestação estaria tão organizada que os manifestantes estariam “engordando”.

Com isso, os jornais passam a não utilizarem de seu poder para amplificar as demandas da população, e sim para reduzir e ridicularizar a atuação dos manifestantes, numa tentativa de desestimular o apoio popular. Com isso, a mídia se torna relativamente contrária aos manifestantes, até mesmo corrompendo suas pautas para impedir sua ascensão.

No caso brasileiro, a cobertura iniciou logo após as primeiras manifestações, mas, diferente do caso estadunidense, não teve um início pautado na neutralidade:

Quadro 4 - Corpus da Pesquisa – Brasil

	Jornal	País	Manchete	Data
Texto 16	Folha de São Paulo	Brasil	Acordem: R\$ 0,20 são apenas um detalhe	14/06/2013
Texto 17	Folha de São Paulo	Brasil	Governo acalma as ruas, mas cria armadilha	19/06/2013
Texto 18	Folha de São Paulo	Brasil	O povo vai bem, o país vai mal	20/06/2013

Texto 19	Folha de São Paulo	Brasil	Oito em cada 10 brasileiros apoiam manifestações	29/06/2013
Texto 20	Folha de São Paulo	Brasil	Após manifestações, Lula e Dilma vivem desgaste na relação	14/07/2013
Texto 21	Estadão	Brasil	Puro vandalismo	08/06/2013
Texto 22	Estadão	Brasil	Confronto e destruição marcam maior protesto contra alta da tarifa de ônibus em SP	11/06/2013
Texto 23	Estadão	Brasil	Protesto contra tarifa tem bombas e depredação em SP	12/06/2013
Texto 24	Estadão	Brasil	Dias: vaia para Dilma foi do povo brasileiro	17/06/2013
Texto 25	Estadão	Brasil	Festival de demofilia	27/06/2013
Texto 26	Carta Capital	Brasil	Mais de 100 pessoas detidas em protesto contra o aumento da tarifa em SP	13/06/2013
Texto 27	Carta Capital	Brasil	Onde há conflito, é a política quem o resolve	19/06/2013
Texto 28	Carta Capital	Brasil	Protestos mostram esgotamento da democracia parlamentar liberal, defende Safatle	04/07/2013
Texto 29	Carta Capital	Brasil	Dilma diz que manifestações no Brasil têm de ser respeitadas	12/07/2013
Texto 30	Carta Capital	Brasil	13 de junho, o dia que não terminou	16/09/2013

Fonte: Elaboração própria a partir do corpus de pesquisa 2.

Nos primeiros dias, o jornal Folha de São Paulo focou nos motivos das manifestações. Como o jornal é responsável pelo DataFolha, instituto de pesquisa abordado a seguir, a tentativa foi de entender as motivações populares nas ruas. No final de junho, o jornal seguiu a linha de oposição ao governo de Dilma Rousseff, dando ênfase ao apoio popular às manifestações e noticiando conflitos internos do Partido dos trabalhadores.

Já o jornal Estadão iniciou sua cobertura com um viés totalmente contrário aos manifestantes, sendo sua primeira manchete destinada a reduzir as manifestações aos atos de vandalismo cometidos, na tentativa de reduzir o impacto e apoio popular destinados a elas. A tendência do jornal foi focar nos pontos negativos dos protestos até o fim do mês de junho, com a utilização de termos como “confronto”, “depredação” e “destruição”. No fim do mês, algumas manchetes sobre o governo puderam ser observadas, mas a predominância foi de uma oposição às manifestações.

Por fim, o jornal Carta Capital, historicamente alinhado à esquerda popular, focou na violência e no abuso de poder policial utilizada nos atos, dando espaço também para falas de Dilma que defendiam o direito dos manifestantes, e colocavam o poder de resolução nas mãos do governo em gestão. Sendo assim, os três jornais tiveram estratégias de cobertura diferentes, focando em pontos que permitissem a construção de narrativa alinhada aos seus objetivos e pautas próprias.

Diante do exposto, a maior diferença entre os casos de imprensa analisados é a existência de jornais alinhados aos manifestantes no caso brasileiro. Como visto, os jornais estadunidenses seguiram a linha de oposição aos protestos, focando nos pontos negativos e em termos vexatórios, na tentativa de reduzir o apoio popular ao Occupy. No caso do Brasil, os jornais analisados seguiram tendências diferentes, cada um focando em um tipo de cobertura, possibilitando uma certa amplificação dos objetivos dos manifestantes.

As mesmas matérias jornalísticas possuem uma tendência de termos a ser analisada, a partir do número de repetições e ocorrências no material coletado no corpus de pesquisa:

Figura 4 – Nuvem de palavras Jornadas de Junho 1



Fonte: Elaboração própria no Iramuteq.

Na imagem, percebe-se principalmente a repetição dos termos “presidente”, “petista”, “Lula” e “Dilma”, demonstrando a estratégia da mídia de encaminhar o descontentamento popular em direção a uma culpabilização da presidenta Dilma e de seu partido. Apesar disso, os termos que definiram o início dos protestos ainda são presentes, sendo esses: “transporte”, “metrô”, “tarifa”, “passagem” e “ônibus”. Ou seja, percebe-se que, apesar da alta repetição dos termos relacionados a presidência da república, os termos das demandas iniciais dos protestos ainda são perceptíveis e centrais.

por questões econômicas, que, historicamente geram um fenômeno de desaprovação do governo federal.

Quadro 5 - Aprovação de Obama no ano de 2011

Data	Aprovação	Desaprovação	Sem opinião
5 - 11 Set	43%	49%	8%
12 - 18 Set	40%	52%	8%
19 - 25 Set	41%	51%	8%
26 Set - 2 Out	41%	50%	8%
3 - 9 Out	40%	53%	8%
10 - 16 Out	41%	52%	8%
17 - 23 Out	41%	51%	8%
24 - 30 Out	43%	49%	8%
31 Out - 6 Nov	43%	50%	8%

Fonte: Gallup, 2011.

Conforme tabela acima, percebe-se que a opinião da população em relação ao presidente Obama permaneceu estável durante todo o período em que o Occupy se manteve. A aprovação percentual do presidente sofreu mínima queda entre o fim de setembro e começo de outubro de 2011, recuperando seu valor inicial no fim de outubro. Esse fator levanta a hipótese de que talvez os estadunidenses não relacionem os problemas econômicos diretamente ao presidente, e sim a outros fatores. Além disso, a cobertura midiática, contrária as manifestações, pode ter contribuído para uma formação de opinião alinhada à situação.

Quadro 6 - Desempenho avaliado de Dilma no ano de 2013

Data	Bom	Regular - Ruim	Sem opinião
6 - 7 Jun	57%	42%	1%
9 - 10 Jun	49%	48%	3%

27 - 28 Jun	30%	68%	1%
7 - 9 Ago	36%	64%	0%

Fonte: DataFolha, 2013.

Já no caso brasileiro, a avaliação do governo de Dilma Rousseff caiu bruscamente no período de grande força dos protestos. Somente no mês de junho, a queda de 27 pontos percentuais demonstra a relação feita entre as demandas cobradas e a presidência da república. Além disso, a cobertura de imprensa analisada pode ter tido papel fundamental na construção da queda da aprovação de Dilma, haja visto que os jornais construíram uma narrativa que culpabilizava a presidenta e sua gestão pelas pautas colocadas pelos manifestantes.

Outra variável a ser analisada é a motivação popular para a participação nas manifestações. No caso estadunidense, não foram encontrados dados suficientes para metrificar a evolução das pautas nos centros de ocupação. Isso pode se dar por conta do caráter totalmente privado das pesquisas de opinião nos Estados Unidos, que, por conta da já vista tentativa de abafar os movimentos, podem não ter recebido valores suficientes para a produção das pesquisas. Porém, uma questão citada é a falta de centralidade de pautas, ou seja, ainda e qualquer que seja o descontentamento popular que fez os manifestantes se unirem, a frase “nós somos os 99%” foi o slogan de maior impacto.

Já no caso brasileiro, o instituto DataFolha se encarregou de conduzir pesquisas que demonstram a evolução (e até mesmo desconstrução) das pautas que levaram a população às ruas durante todo o mês de junho. As amostras foram coletadas tanto dos manifestantes quanto na população geral, conforme tabela abaixo:

Quadro 7 - Motivos da participação nas manifestações

	Manifestantes 17/06/2013	População 18/06/2013	Manifestantes 20/06/2013
Para protestar contra o aumento da passagem	56	67	32
Contra a corrupção	40	38	50
Contra os políticos	24	35	27
Por um transporte de melhor qualidade	27	27	19
Por mais segurança	13	20	13

Protestar contra a violência/repressão da polícia	31	18	11
Pela tarifa zero/passe livre	14	14	11
Pela saúde	2	7	2
PEC 37	-	-	16
Pela educação	-	5	8
Outras respostas	31	10	29

Fonte: DataFolha, 2013.

Diante dos valores da tabela, pode-se entender melhor como as pautas iniciais dos protestos perderam força, dando lugar a novas pautas, ainda mais contestatórias. Em um primeiro momento, no dia 17, mais da metade das pessoas nas ruas protestava contra o aumento das passagens, e três dias depois, no dia 20, esse valor já caiu para apenas 32 dos manifestantes na amostra analisada.

Em contrapartida, pautas mais genéricas, como corrupção e até mesmo contra os políticos em si, ganharam espaço aumentando exponencialmente, e alcançando mais da metade dos manifestantes no dia 20. A violência policial, fato que fez o apoio popular crescer fortemente no início dos protestos, caiu rapidamente nos três dias analisados, saindo de 31 para apenas 11 na amostra.

Com isso, percebe-se que as pautas iniciais perderam força e foram substituídas por uma tendência de contestação política, voltada para casos de corrupção, e até mesmo de legislação, como a PEC 37, que foi uma proposta de emenda constitucional que colocava as investigações de casos criminais como atividade privativa da polícia judiciária. Por conta desse aumento de demandas, surge o slogan “não é só pelos R\$0,20”, demonstrando que o descontentamento nas ruas era muito mais que pelo aumento na tarifa do transporte coletivo. Porém, com isso a pauta inicial foi deixada de lado, e o movimento tomou outros rumos.

CONCLUSÃO

A partir dos apontamentos feitos ao longo desta monografia, foi possível identificar pontos de influência da mídia tradicional nos movimentos contestatórios populares Occupy Wall Street e Jornadas de Junho. Além disso, a construção dos movimentos, além de suas especificidades frente aos novos meios de comunicação digital abrangentes foi de grande importância para a análise construída.

Segundo Traquina (2004):

as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização. (TRAQUINA, 2004, p.168)

Diante disso, as interações entre a imprensa e os movimentos foram analisadas através de dados referentes às manchetes publicadas no período e a opinião pública no mesmo período. Com isso, buscou-se entender as relações entre a mídia e a sociedade, dentro do contexto dos novos movimentos sociais, além das tendências de imprensa empregadas na cobertura de manifestações populares.

Primeiramente, através da exploração da construção dos movimentos sociais, percebeu-se muitos pontos de concordância, mostrando que, inspirados na primavera árabe, ambos os movimentos tiveram caráter horizontal, sem lideranças políticas ou partidárias, e contando com apoio popular de participantes que nunca haviam participado de manifestações, e nem se consideravam politizados ou se alinhavam a algum partido.

Com isso, percebe-se uma queda de influência partidária na vida política popular, podendo ser atribuída a facilidade dos novos meios de comunicação digital – principalmente da internet - na transmissão de mensagens. Em ambos os movimentos, entende-se o alcance de mensagens e o método de organização não teria dado tão certo se não fosse a internet.

O segundo fator de concordância entre os movimentos foi o uso de violência policial contra os protestantes. No caso Occupy, a queda do movimento se deu somente por conta do desmonte da polícia no acampamento, impedindo que os manifestantes permanecessem no local. Porém, apesar dos atos da polícia, nenhum caso de violência por parte dos manifestantes foi observado ou noticiado.

Já no caso brasileiro, apesar da violência policial ter sido um fator de suma importância para o aumento do apoio popular, garantindo inclusive maior participação nos atos seguintes, casos de conflito por parte dos manifestantes, e até mesmo de depredação de bens públicos,

foram vistos desde o início dos protestos. Alguns autores inclusive relacionam os *black blocs* a queda brusca da participação nos atos, pois a população teria parado de se reconhecer nos atos de violência.

Porém, o fator de maior enfoque do presente trabalho foi a forma que a mídia tradicional cobriu os eventos. Em ambos os casos, observou-se uma tendência de deslegitimar os protestos, através de termos negativos, como “*hippies*”, no caso estadunidenses, e “depredação”, no caso brasileiro. O que se observou é que, como ambos os movimentos contestavam a elite no poder, isso significava uma contestação direta dos donos dos jornais, que, como citado, pertencem a elites midiáticas.

Sendo assim, pode-se inferir que a oposição dos jornais aos manifestantes diz respeito ao poder retido nas mãos de mais um tipo de elite. Com isso, há uma tentativa de reduzir o impacto dos protestos no restante da população através da construção de uma narrativa negativa sobre eles, gerando um afastamento e uma falta de reconhecimento popular. A análise das nuvens de palavras criadas a partir dos jornais analisados levam ao entendimento que, apesar de manterem termos neutros em grande parte das reportagens, ainda pode-se encontrar um viés de imprensa presente em ambos os casos.

No caso americano, a cobertura jornalística analisada se concentra apenas em corromper a imagem dos manifestantes, não direcionando a culpa para outrem. Por conta disso, a figura presidencial de Obama não sofreu nenhuma queda nos meses de protesto, e sua aprovação perante a população se manteve estável durante os meses analisados.

Porém, no caso brasileiro, a imprensa utilizou de uma estratégia de transferência de culpa, onde, no meio do mês de junho, começou a direcionar críticas para Dilma Rousseff. Com isso, a narrativa oferecida pela imprensa colocava novas pautas em foco, o que pode ter levado a amplificação dos discursos nas ruas.

Outro fator que diferencia os casos é a existência de jornais alinhados as pautas populares, como é o caso do Carta Capital. Nesse caso, o jornal tratou de legitimar os protestos, além de defender a atuação de Dilma, presidenta de esquerda, a qual o jornal é historicamente alinhado. Sendo assim, o Carta Capital se alinhou a ambos os lados, não tecendo críticas nem aos movimentos sociais nem ao governo.

Como as críticas de alguns jornais de grande circulação foram direcionadas ao governo, a imagem da presidenta Dilma foi afetada nos meses observados, e sua aprovação teve uma queda percentual de 27 pontos, demonstrando que a estratégia dos jornais funcionou na criação de uma narrativa contestatória voltada ao governo federal, e não diretamente às elites.

Mais uma variável analisada foi a evolução das pautas e demandas por parte dos manifestantes. No caso Occupy não foram encontrados dados suficientes para analisar o período, pois até mesmo os criadores do movimento afirmam não haver uma centralização de narrativas, e reclamam de um desvio dos objetivos iniciais, o que pode inclusive ter prejudicado o diálogo do movimento com lideranças governamentais.

No caso brasileiro, foi possível apontar a queda entre as demandas iniciais do Movimento Passe Livre, dando espaço a contestação do governo federal, o que pode estar diretamente ligado a construção de narrativa jornalística citada anteriormente, permitindo o uso de influência midiática para a condução de novas pautas.

Sendo assim, percebe-se que a cobertura de imprensa em ambos os casos teve influência no direcionamento dos movimentos. Apesar do uso prioritário das redes sociais pelos organizadores de ambos os protestos, a maior parte da população ainda se informa por meio da mídia tradicional, o que garantiu a capacidade desta em influenciar a opinião das massas populares. Prova disso é o fato de que, apesar da tentativa de construção de um movimento que opusesse as elites, a avaliação presidencial não sofreu nenhuma alteração.

Ou seja, no caso estadunidense, a estratégia foi deslegitimar as manifestações através de termos vexatórios, sem direcionamento de culpa ou criação de pautas. Se o movimento fosse calado, não haveria por que transformar pautas. No caso brasileiro, as pautas foram levadas para o âmbito de contestação de governo e garantiram a mudança de demandas retratadas no terceiro capítulo.

Portanto, conclui-se que as estratégias de imprensa não são aleatórias, e são empregadas diretamente como forma de influenciar a opinião pública na direção que interesse as elites midiáticas e suas relações com as demais elites em poder. Vale ressaltar que o trabalho não teve como objetivo esgotar a temática, apenas analisar os pontos de influência entre a mídia e os movimentos como forma de entender a relação com a opinião pública. Sendo assim, percebe-se que o discurso jornalístico, apesar de dialogar com a sociedade e fornecer informações, também pauta uma agenda própria, buscando influenciar o mundo de acordo com seus interesses específicos.

REFERÊNCIAS

- 13 de junho, o dia que não terminou. **Carta Capital**. 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/13-de-junho-o-dia-que-nao-terminou-6634/>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- ABRAJI revela que foram intencionais 70 das 113 agressões a jornalistas nas manifestações de 2013. **Abraji**. dez. 2013. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/abraji-revela-que-foram-intencionais-70-das-113-agressoes-a-jornalistas-nas-manifestacoes-de-2013>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALLI, Fernando Henrique Baena. MUSSOI, Helio Gustavo. PEREIRA, Daniele Prates. **Movimentos Sociais Contemporâneos: Paradigmas Teóricos e uma Aproximação das Mobilizações Brasileiras de 2013 com o Modelo Occupy Wall Street**. 2014. II Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/2760/2322>. Acesso em: 4 out. 2022.
- ARBEX JR, José. **Shownalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Introdução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. **A imprensa Brasileira e o PT: Um Balanço das Coberturas das Eleições Presidenciais (1989-2006)**. ECO-PÓS 12. 2009.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. **CORRUPÇÃO, MÍDIA E ESCÂNDALOS MUDIÁTICOS NO BRASIL**. Em Debate, Belo Horizonte, v.2, n.3, p 14-19, mar. 2010. Disponível em: https://www5.pucsp.br/neamp/artigos/arquivos/artigo_97.pdf. Acesso em: 04 out. 2022.
- BARON, David P. 2006. **Persistent Media Bias**. Journal of Public Economics 90. P. 1-36.
- BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes; NETO, LUIZ PERES. Mídia e dominação. In PRADO, Magaly (Org.). **Teorias da comunicação em jornalismo: reflexões sobre a mídia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.
- BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. *Revista Galáxia*. São Paulo, n.15, p. 13-18, jun 2008.
- BERNHARDT, Dan. KRASA, Stefan. POLBORN, Mattias. 2006. **Political Polarization and the Electoral Effects of Media Bias**. In, 29. CESifo Working Paper Series No. 1798.
- BLOW, Charles M. **Hippies and Hipsters Exhale**. The New York Times. 1 out. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/10/01/opinion/hippies-and-hipsters-exhale.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

BRADY, N. F. **What, if anything, to do about Wall Street's wealth**. *The Washington Post*. 28 out. 2011. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/what-if-anything-to-do-about-wall-streets-wealth/2011/10/26/gIQASfYNNM_story.html. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRITO, Ricardo. **Dias: vaia para Dilma foi do povo brasileiro**. *Estadão*. 17 jun. 2013. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dias-vaia-para-dilma-foi-do-povo-brasileiro,1043537>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BUCCI, E. (2000). **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras.

CALIL, Gilberto. **EMBATES E DISPUTAS EM TORNO DAS JORNADAS DE JUNHO**. Projeto História, São Paulo, n. 47, pp. 377-403, Ago. 2013

CAPPELLA, Joseph N. JAMIESON, Kathleen Hall. **Spiral os Cynism: the press and the public good**. Oxford: Oxford University Press. 1997.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. 2003. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2013. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Cf. BEIKIN, D. (Chicago); AUDI, T. (Los Angeles); YADRON, D. (Washington). **“Protest Present Dilemma for Democrats”**. *The Wall Street Journal*, 23 out. 2011.

Cf. SEIB, G. F. **“Populist Movements Rooted in Same Soil”**. *The Wall Street Journal*, 15 nov. 2011.

CHICAGO, A. G. **Wall Street Protest Digs In, Spreads**. *Wall Street Journal*. 3 out. 2011. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052970204612504576608730855935832>. Acesso em. 07 de nov. 2022.

COLEMAN, Stephen; BLUMLER, Jay G. **The Internet and Democratic Citizenship: Theory, Practice and Policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Confronto e destruição marcam maior protesto contra alta da tarifa de ônibus em SP. **Estadão**. 11 jun. 2013. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,confronto-e-destruicao-marcam-maior-protesto-contralta-da-tarifa-de-onibus-em-sp,1041317>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CORREIA, João Carlos. 1994. **Verdade, profissionalismo e liberdade entre os jornalistas portugueses: 1964-1985**. Covilhã, Universidade da Beira Interior (Estágio Científico de Conclusão da Licenciatura).

CRUZ, Valdo. NERY, Natuza. SEABRA, Catia. **Após manifestações, Lula e Dilma vivem desgaste na relação.** Folha de São Paulo. 14 jul. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1310795-apos-manifestacoes-lula-e-dilma-vivem-desgaste-na-relacao.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DAHL, R. A. **A democratic paradox?** Political Science Quarterly. 2000. Washington, D. C. n. 1, p. 35-40, Spring.

DAHL, R. **Um prefácio à teoria democrática.** 1989. Rio de Janeiro: J. Zahar.

DATAFOLHA. **Avaliação da presidente Dilma Rousseff.** Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/08/12/avaliacao-da-presidente-dilma.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DATAFOLHA. **Avaliação Dilma Rousseff e intenção de voto presidente.** Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/10/avaliacao-dilma-intencao-de-voto-presidente.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DATAFOLHA. **PROTESTOS SOBRE AUMENTO NA TARIFA DOS TRANSPORTES II.** Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Dilma diz que manifestações no Brasil têm de ser respeitadas. **Carta Capital.** 12 jul. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-chega-ao-uruguai-e-diz-que-manifestacoes-tem-de-ser-respeitadas-1562/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Acordem: R\$ 0,20 são apenas um detalhe.** Folha de São Paulo. 14 jun. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/2013/06/1294962-acordem-r-020-e- apenas-um-detalhe.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Governo acalma as ruas, mas cria armadilha.** Folha de São Paulo. 19 jun. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/2013/06/1297910-governo-acalma-as-ruas-mas-cria-armadilha.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

EAGLETON, Terry. *Ideology, an introduction.* 1991. Oxford: Verso.

ENTMAN, R. **Framing:** toward clarification of a fractured paradigm. 1993. Journal of Communication, 43, 51-58.

ESPÍRITO SANTO, M.O., DINIZ, E.H., and RIBEIRO, M.M. **Movimento passe livre e as manifestações de 2013:** a internet nas jornadas de junho. In: PINHO, J.A.G., ed. Artefatos digitais para mobilização da sociedade civil: perspectivas para avanço da democracia [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 141-167. ISBN: 978-85-232-1877-5. <https://doi.org/10.7476/9788523218775.0008>.

FALLOWS, James. **Detonando a Notícia:** como a mídia corrói a democracia americana. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1997.

Festival de demofilia. **Estadão**. 27 jun, 2013. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,festival-de-demofilia-imp-,1047484>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FILGUEIRA, Carlos H. e NOHLEN, Dieter (eds.). **Prensa y Transición Democrática;** Experiencias Recientes en Europa y América Latina. Frankfurt/Madri, Vervuert/Ibero-americana, 1994.

FÔNSECA, Daniel. **Não dá para ver:** as mídias nas manifestações de junho 2013, São Paulo, 2013. Artigo publicado na revista da fundação Friedrich Ebert Stiftung. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>

FREITAS, Bruno Alexandre. **Crise financeira de 2008: você sabe o que aconteceu?** 2020. Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-financeira-de-2008/>. Acesso em: 16 out. 2022.

GAZETA DO POVO. Website oficial. KRISTOF, Nicholas (colunista). **Os banqueiros e os revolucionários**. Publicado em 04/10/2011b. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?tl=1&id=1176266&tit=Os-banqueiros-e-os-revolucionarios>. Acesso em: ago/2013.

GAZETA DO POVO. Website oficial. **Protestos contra Wall Street se espalha pelos EUA**. Publicação em 04/10/2011a. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=1176264&tit=Protesto- contra-Wall-Street-se-espalha-pelos-EUA>. Acesso em: ago/2013.

GELDER, Sarah Van. How Occupy Wall Street changes everything. In: GELDER, Sarah Van. This Changes Everything – São Francisco. Editora: Berrett-Koehler Publishers, 2011p. 1-12.

GITLIN, T. Opinion. **The Left Declares Its Independence**. The New York Times, 8 out. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/10/09/opinion/sunday/occupy-wall-street-and-the-tea-party.html>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GORDINIER, J. **Want to Get Fat on Wall Street? Try Protesting**. The New York Times. 11 out. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/10/12/dining/protesters-at-occupy-wall-street-eat-well.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GOULD, Luiza. ROCHA, Victor. **Relações de Confiança:** a Construção da Credibilidade pela Imprensa em Tempos de Pós-verdade. 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém. 2019

GUARESCHI, P. **RBS e eleições:** Meditações sobre 27 de outubro de 2002. Centro de Mídia Independente Brasil, 07 nov. 2002. Disponível em: http://www.midiaindependente.org/front.php3?article_id=41287&group=webcast. Acesso em 26 nov. 2007

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação & Poder:** a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HAMILTON, James T. 2004. **All the News That's Fit to Sell:** How Market Transforms Information into News. 1st ed. Princeton University. http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687. Acesso em: 17 out. 2022.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de trabalho e rendimentos. **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios contínua 2019.** 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 26 set, 2022.

IYENGAR, Shanto. HAHN, Kyu S. **Red Media, Blue Media:** Evidence of Ideology Selectivity in Media Use. 2009. Journal of Communication 59: 19–39. Kucinski, Bernardo. 1998. A Síndrome Da Antena Parabólica: Ética No Jornalismo

KAMEN, A. **Occupy Wall Street: A long way from Congress.** The Washington Post. 27 out. 2011. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/occupy-wall-street-a-long-way-from-congress/2011/10/26/gIQAcCNONM_story.html. Acesso em: 11 nov. 2022.

KLEIN, E. **“Occupy Wall Street,” a primer.** The Washington Post. 03 out. 2011. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/blogs/ezra-klein/post/occupy-wall-street-a-primer/2011/08/25/gIQAbX7oHL_blog.html. Acesso em: 20 nov. 2022.

KLEINFELD, N. R.; BUCKLEY, C. **Wall Street Occupiers, Protesting Till Whenever.** The New York Times, 1 out. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/10/01/nyregion/wall-street-occupiers-protesting-till-whensoever.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

KROHLING, Aloísio. LACERDA, Maora Ferreira. OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS JORNADAS DE JUNHO NO BRASIL. FOMERCO. Tocantins. 2013.

KROLL, Andy. **How Occupy Wall Street really got started.** In: GELDER, Sarah Van. This Changes Everything. São Francisco. Editora: Berrett-Koehler Publishers, 2011. p. 16- 21.

LIEDTKE, Paulo Fernando. **GOVERNANDO COM A MÍDIA: DUPLO AGENDAMENTO E ENQUADRAMENTO NO GOVERNO LULA (2003-2006).** Florianópolis. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88858/237437.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

LIMA, Venício A. de. **Mídia teoria e política.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O Adiantado da Hora.** São Paulo, Summus, 1991.

MACGILLIS, A. **Occupy what else?** Six new culprits for economic inequality in America. The Washington Post. 3 nov. 2011. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/occupy-what-else-six-new-culprits-for-economic-inequality-in-america/2011/11/01/gIQAFiQvjM_story.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

Mais de 100 pessoas detidas em protesto contra o aumento da tarifa em SP. **Carta Capital**. 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mais-de-100-pessoas-detidas-em-protesto-contra-o-aumento-da-tarifa-em-sp-4045/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MESQUITA, M. **O Quarto Equívoco: O poder dos media na sociedade contemporânea**. 2003. Coimbra: Minerva.

MIGUEL, Luis Felipe. **A mídia e o declínio da confiança na política**. Sociologias [online]. 2008, n. 19. pp. 250-273. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222008000100011>. Epub 24 Jun 2008. ISSN 1807-0337. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222008000100011>.

MIGUEL, Luis Felipe. **IMPASSES DA ACCOUNTABILITY: DILEMAS E ALTERNATIVAS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA**. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, **25**, p. 25-38, nov. 2005

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. Lua Nova [on-line], 2002, n.55-56. P. 155-184.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. **Carta de princípios**. 2013a. Disponível em: <http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>. Acesso em 15 out. 2022.

MOYNIHAN, C. **Park Gives Wall St. Protesters a Place to Call Home**. The New York Times. 27 set. 2011. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/cityroom.blogs.nytimes.com/2011/09/27/park-gives-wall-st-protesters-a-place-to-call-home/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MUNDIM, Pedro Santos. **Imprensa e Voto nas Eleições Presidenciais Brasileiras de 2002 a 2006**. Editora UFG. 2013

OCCUPY WALL STREET. **About**. Disponível em: <http://occupywallst.org/about/>. Acesso em: 13 de out. 2022.

OCCUPY. – **Occupy Directory: 1505 occupations**. Disponível em: <http://occupywallst.org/infotent/>. Acesso em: 13 out. 2022.

Oito em cada 10 brasileiros apoiam manifestações. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1303551-oito-em-cada-10-brasileiros-apoiam-manifestacoes.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Onde há conflito, é a política quem o resolve. **Carta Capital**. 19 jun. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/jean-wyllys-movimentos-precisam-dos-partidos-1227/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PATTERSON, Thomas E. **Out of Order**. New York: Vintage Books. 1993.

Protesting American Capitalism. **WALL STREET JOURNAL**. 27 set. 2011. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052970204831304576597151868857630>. Acesso em: 07 de nov. 2022.

Protesto contra tarifa tem bombas e depredação em SP. **Estadão**. 12. Jun. 2013. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/protesto-contratarifa-tembombas-e-depredacao-em-sp/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Protestos mostram esgotamento da democracia parlamentar liberal, defende Safatle. **Carta Capital**. 04 jul. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/protestos-mostram-egotamento-da-democracia-parlamentar-liberal-defende-safatle-6118/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Puro vandalismo. **Estadão**. 08 jun. 2013. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,puro-vandalismo-imp-,1040106>. Acesso em: 20 nov. 2022.

REHBEIN, M. **Noticiário Político: um diagnóstico da cobertura pela mídia impressa**. 2015. In Adghirni, Z. L. (ed). *Jornalismo e Poder Legislativo: Relações entre mídia e política no Brasil*. Curitiba: Aprris.

ROSSI, Clóvis. **O povo vai bem, o país vai mal**. Folha de São Paulo. 20 jun. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2013/06/1298093-o-povo-vai-bem-o-pais-vai-mal.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ROVAI, Renato. **As Muitas Derrotas Da Mídia Comercial Tradicional**. 2007. In *A Mídia Nas Eleições De 2006*, edited by Venício A. de Lima, 115–132. Editora Fundação Perseu Abramo.

RUBIM, Antônio Albino C. (Org.). **Mídia e eleições 2000 em Salvador**. Salvador: Edições feito à Facom, 2002.

RUBIM, Antônio Albino C. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 1999.

SÁ, Adísia. **Imparcialidade Jornalística: Do mito à Realidade**. Fortaleza. 1980. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50844/1/1980_art_mabsa.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

SASLOW, E.; LYNCH, C. **In Occupy movement, more trouble or change?** The Washington Post. 15 nov. 2011. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/in-occupy-movement-more-trouble-or-change/2011/11/15/gIQAu9dVPN_story.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

SAUVIAT, Catherine. **Occupy Wall Street, um movimento social inédito nos Estados Unidos**. 2012. *Cadernos do Desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/192>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SCHNEIDER, Nathan. **No leaders, no violence**: what diversity of tactics means for occupy wall street. In: GELDER, Sarah Van. This changes everything. São Francisco. Editora: Berrett-Koehler Publishers, 2011. p. 39-44.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções. Novos estud. CEBRAP (97). Nov 2013.**
<https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>.

SOARES, Murilo Cesar. **Retorica e política**. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, maio/ago. 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TARANTO, J. **The Hippie Stimulus**. Wall Street Journal. 6 out. 2011. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052970203476804576615073164484688>. Acesso em: 20 nov. 2022.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna- Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005

THOMPSON, J. B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOCQUEVILLE, A. 2005. 2 ed. **Da democracia na América**. São Paulo: Nacional.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. V. 1. Florianópolis. Insular. 2004.

TUFEKCI, C. After the protests. The New York Times. The opinion Pages. March. 2014. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/03/20/opinion/after-the-protests.html?rref=collection%2Fcolumn%2Fzeynep-tufekci&_r=0. Acesso em: 10 out. 2022.

VAINER, C. **Quando as cidades vão às ruas**. In: **CidAdES Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 33-37.

VIEIRA, C. N. M., & MAIA, M. V. M. (2016), **Criatividade docente: Winnicott e a construção de subjetividades**. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(1): 64-77, abril, 2016.

WAISBORD, S. **Watchdog Journalism in South America**: News, accountability and democracy. 2000. New York: Columbia University Press.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

WEBER, Maria Helena. **Para una Sociología de la Prensa.** *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madrid, n. 57. Mar. 1992.

WEIDNER, D. **Occupy Wall Street, but First Call Your Mother.** *Wall Street Journal*. 06 out. 2011. Disponível em:
<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052970204294504576613461667270684>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WINANS, Kirk Michael. **Contemporary Social Movements through Twitter:** the Cases of Madison, Wisconsin and Occupy Wall Street. Disponível em:
http://engineering.union.edu/Archives/SeniorProjects/2012/CS.2012/CSSeniorProject Page-2012_files/Winans_Kirk_Report.pdf. Acesso em: 13 de out. 2022.

WITTKOWER, D. E. **Wall Street Protests:** Will the Revolution Be Tweeted? *Wall Street Journal*, 19 set. 2011. Disponível em: https://www.wsj.com/articles/BL-SEB-67077?mod=Searchresults_pos13&page=32. Acesso em: 5 de nov. 2022.

ZIZEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: ALI, Tariq et al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo. Editora Boitempo, 2012.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I
APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Júlia Gonçalves Araújo do Curso de Relações Internacionais matrícula 2019.1.0043.0002-4 telefone: (62)98196-2578 e-mail juliagoncalves.ar@gmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Viéses E Reveses Da Cobertura De Imprensa: Um Estudo Comparativo Dos Casos Occupy Wall Street E Jornadas De Junho, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 12 de dezembro de 2022.



Assinatura do(s) autor(es): _____

Nome completo do(s) autor(es): Júlia Gonçalves Araújo

Assinatura do professor orientador:



Nome completo do professor orientador: Guilherme Augusto Batista Carvalho